

[POESIA]

SINGELO CAOS

Jhessika Takassaki
João Victor Martins

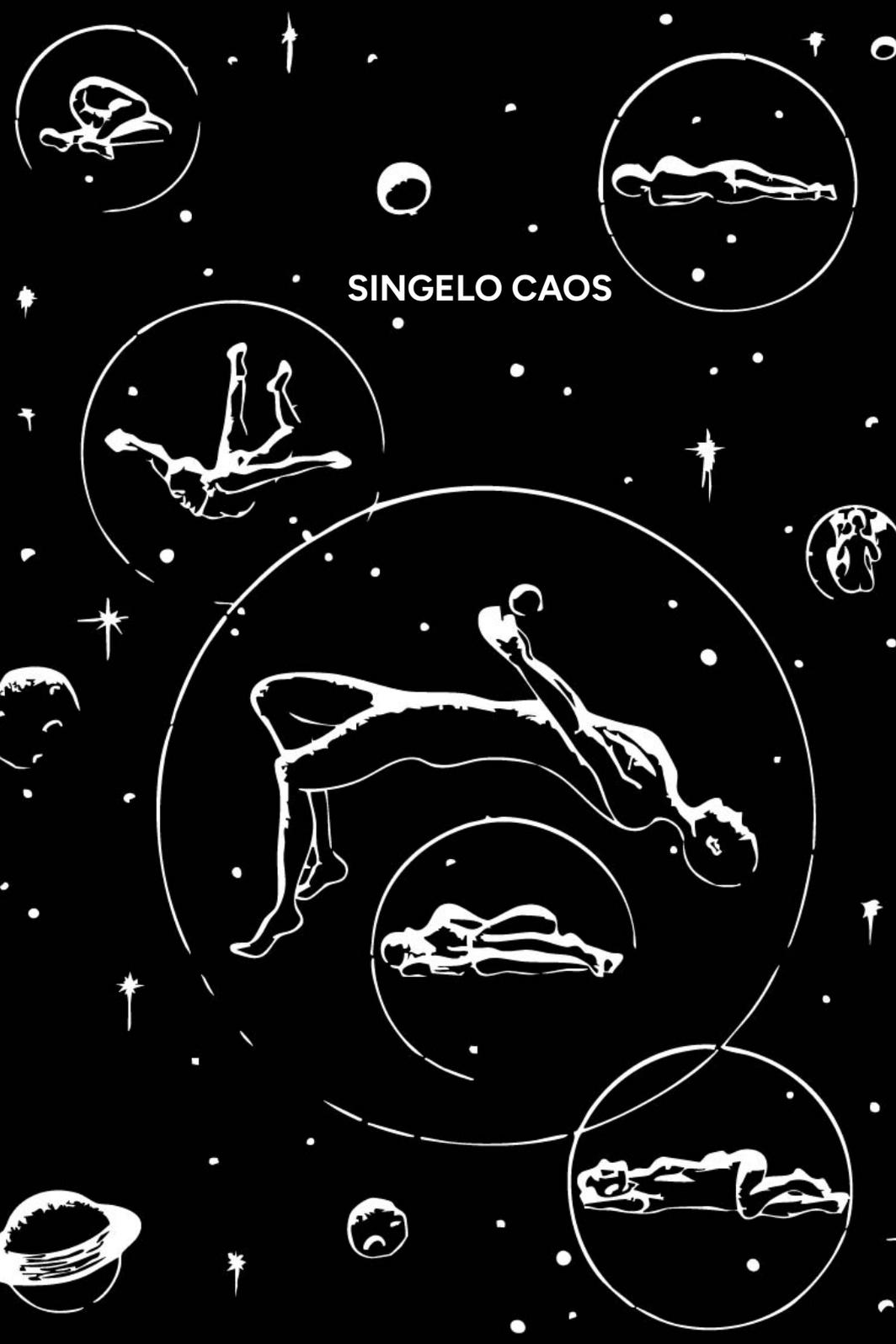
[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana 

Angélica
Brasiliana

edições

SINGELO CAOS



ANADARA BRASILIANA EDIÇÕES

1ª Edição - Copyright© 2024

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, distribuída, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação, ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem prévia permissão por escrito do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Takassaki, Jhessika

Singelo caos / Jhessika Takassaki, João
Martins Ruyz. -- 1. ed. -- Paranaguá, PR :
Anadara Brasileira Edições, 2025.

ISBN 978-85-85063-34-4

1. Poesia brasileira I. Ruyz, João Victor
Martins. II. Título.

25-255138

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

COORDENAÇÃO GERAL DE PROJETO:

Anadara brasileira Edições

COORDENAÇÃO EDITORIAL:

Rosana Barroso Miranda

ASSISTÊNCIA EDITORIAL:

Dan Porto

REVISÃO ORTOGRÁFICA:

Agláé Gil

DIAGRAMAÇÃO DE CAPA E MILOLO:

Yaidiris Torres

ILUSTRAÇÕES DE MILOLO:

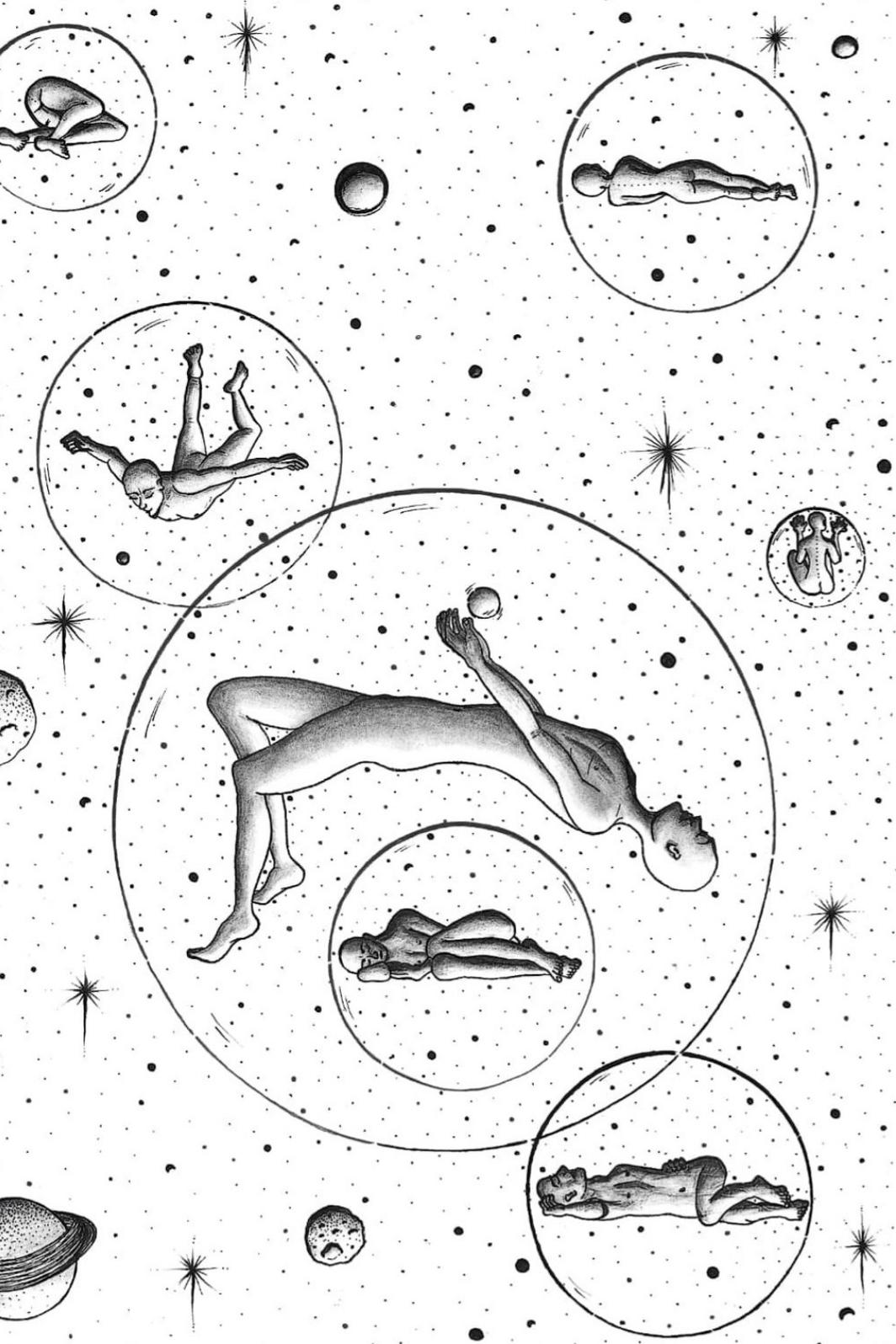
Ivana Cassuli

Jhessika Takassaki
João Victor Martins Ruyz

SINGELO CAOS



Curitiba, 2024



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
-------------------	---

PARTE I

A CAÓTICA PASSAGEM DO TEMPO	9
-----------------------------------	---

A vida como ela talvez seja.....	10
----------------------------------	----

Talvez seja tudo um sonho.....	11
--------------------------------	----

Mais um na multidão.....	12
--------------------------	----

Anestésias.....	13
-----------------	----

Vejo-me à mercê.....	14
----------------------	----

Acordei com um canivete em mãos.....	17
--------------------------------------	----

Espaço temporal.....	18
----------------------	----

A passagem.....	19
-----------------	----

Aceitar-se uma metamorfose.....	20
---------------------------------	----

A complexidade do tempo.....	21
------------------------------	----

Questão de enfraquecimento.....	27
---------------------------------	----

Questão de perspectiva.....	28
-----------------------------	----

Universos paralelos.....	32
--------------------------	----

Universo idiossincrático.....	33
-------------------------------	----

Átomos.....	34
-------------	----

Um dia.....	35
-------------	----

A matriz.....	36
---------------	----

Isótropo.....	37
---------------	----

Idade mental.....	38
-------------------	----

Um quadro em branco.....	40
--------------------------	----

Crenças insanas.....	41
----------------------	----

Adulto desafinado.....	42
------------------------	----

Variáveis de um ser inconstante.....	43
--------------------------------------	----

A dor de crescer.....	45
-----------------------	----

Efemeridade.....	46
------------------	----

O fim do sonho de plumas.....	47
-------------------------------	----

Solilóquio da gênese.....	48
---------------------------	----

Banal existência.....	49
-----------------------	----

Bagunça compactada.....	50
-------------------------	----

Estrelas modernas.....	51
------------------------	----

SUMÁRIO

PARTE II

SOBRE EXISTIR NÃO SOMENTE AO REDOR DE SI MESMO..... 53

É tudo interpessoal..... 54

Acusação leviana..... 55

Salve-se quem puder..... 56

Extraterrestres..... 57

Juízes insanos..... 59

Retificação..... 60

Demonstração..... 61

Metáforas do coração..... 62

O beijo não consumado..... 63

O mar hobbesiano..... 65

Loucura sentimental..... 66

Habitante sedento em planeta deserto..... 67

Adorável colisão..... 68

Singelo e caótico ao mesmo tempo..... 70

Restos de mim sem ti..... 75

Coração traumatizado..... 76

Coral nascendo de novo..... 77

Apaixonante colisão..... 78

Horizonte iluminado..... 81

Amei amar-te..... 82

Refém de uma sádica..... 83

Fenda em nosso espaço..... 84

A pior condenação..... 85

Rimas de um corpo inerte..... 87

Direção desgovernada..... 89

Batimentos cardíacos..... 90

A interpretação dos sonhos..... 91

O mundo de todo mundo..... 92

Sob trajes de astronauta..... 94

Bolha nossa de cada dia..... 95

SUMÁRIO

PARTE III

À MERCÊ DE SI MESMO.....	97
Suicídio.....	98
Reescrever-se.....	99
Livros que nunca serão lidos.....	100
A náusea.....	101
Tentativas.....	102
Vazio de mim.....	103
Criação da criatura.....	104
Um grito de socorro.....	106
Estrela cadente.....	107
O martírio no cotidiano – grafia de mim.....	108
Mentecapt’alma.....	109
Idade da Pedra.....	110
Inclusão digital.....	111
Realidade virtual.....	112
Confissão por escrito.....	113
Vestígios de antigo artista.....	114
Pobre poeta herege.....	115
Disfarces.....	116
Sonhando.....	117
Autênticas cores.....	119
O nada; a sentença.....	120
Introspecção.....	122
Servindo-me poesia.....	123
Tudo que foi.....	124
Talvez ainda seja muito cedo.....	125
Exposição.....	126
Aprendizado.....	127
Cosmos.....	129
Um misto de tudo.....	133
Fragmentos de um homem.....	134
SOBRE OS AUTORES.....	136



APRESENTAÇÃO

A obra trata de variáveis da existência, conflitos humanos e devaneios. Poesias introspectivas que retratam o ciclo de vida. Temas que abordam a pueril infância, desesperos do coração e o singelo ato de escrever.



PARTE I
A CAÓTICA PASSAGEM DO TEMPO



A vida como ela talvez seja

Talvez já estejamos no inferno e todo resto seja pura invenção,
quem sabe eu seja um anjo aprendendo a lidar com toda

[essa confusão.

O ciclo de vida de cada ser pode ser representação de "Éden"

[a "Apocalipse".

Quem sabe eu, nalgum dia desses, perceba o sentido de tudo.

Sou minhas lembranças, nada além de memória,
momentos de glória; mais de um ato imundo.

O ciclo de vida parece ironia,

gráfico que ascende e desce:

o velho regride e vira bebê.

De modo esporádico eu desejo a morte;

contudo, não planejo desistir de viver.

A certos perdidos só resta escrever.

Talvez já estejamos no céu,

um paraíso aos pedaços.

Onde há mais de um humano alguém vai perder.

Talvez Deus nos tenha feito com amor e chora, penoso, ao nos ver.

Talvez Deus nem mesmo exista e a fé seja só um meio para não
enlouquecer.

Talvez eu queime eternamente ao lado do Diabo,

talvez eu seja um gelo prestes a derreter.

Talvez seja tudo um sonho

Talvez eu morra e acorde em seguida em outro lugar.
Tantas vezes sonhei tão real, faleci e acordei, suspirei, fora tão real.
A vida é segredo, talvez projeção.
Talvez eu mesmo tenha sido o arquiteto,
me fiz de cobaia em busca de emoção.

Posso bem ser apenas um personagem de um *game* de ação.
Está mais para drama, piada de mau gosto, jogo de tragédia.
Cada dia uma fase, realidade artificial, enciclopédia em mãos.
Respondo a comandos, o jogador manda,
minha vida não passaria de pura predestinação.

Talvez eu morra e me esqueça de tudo, viva de novo,
[errando em dobro.

Difícil de crer que se morre e acaba.
Algo deve ter.
Algo além de um breu, de um repouso final.
Talvez vivamos de novo em outro cenário escolhido pela rea
[lidade virtual.

Talvez seja tudo uma grande metáfora.
Talvez eu seja uma célula de um humano qualquer.
E ele seja outra de outro e assim por diante.
Talvez eu morra e reencarne um elefante;
talvez eu morra e passe a adorar um.

Talvez, ao morrer, eu acorde em outro país.
Quem sabe um dia eu já tenha sido todo mundo,
aquele que julgo e aquele que amo.
Talvez eu seja só um personagem de um livro de alguém.
Talvez eu seja Deus, talvez eu seja ninguém.

Mais um na multidão

É confortável fantasiar-se, ser além do que só mais um
[na multidão.
Até mesmo um revolucionário não é dois no dicionário.
É um peso tão pesado objetivar ser adorado.
Seria muita hipocrisia dizer que não é gratificante
[aplausos receber.
É bom, bom até demais, mas não é o bastante para trazer paz.
O dinheiro facilita a conquista de reforçadores, a fama
[oferece doces odores;
tudo isso ainda é nada se a compreensão de si mesmo não
[fora encontrada.
Do labirinto o mapa ninguém tem: sorte, mérito ou até
[compaixão de alguém.
Ser só mais um não é demérito, é comum como arrepende-se
[do pretérito.
O fim do roteiro ninguém mudará, cabe a cada um decidir
[como esperá-lo-á.
Todo mundo é um ponto vital no universo, uma engrenagem
[do progresso;
a gente é fonte do cosmos e nem sente, santo grão de areia
[indecente.
É confortável fantasiar-se, ser além do que só mais um
[na multidão;
usamos máscaras desnecessárias para perpetuar uma
[singela ilusão.

Anestésias

A vida oferece-nos anestésicos para disfarçar quão cruel é.
Deparamo-nos com distrações de toda forma;
anestesia de tranquilidade, uma pílula confortável.

Escrever é-me catártico.
Desbravar um livro é anestésiar a mente.
Viver encarando o espelho me soa imprudente.
O estado de coma se torna evidente.

A música, o cinema, tudo que se inventa,
artimanhas de sobrevivência.
Alucinógenos pacificadores repletos de caos.

Vejo-me à mercê

Estou aqui, de frente para o meu túmulo;
cercado por belas flores, regado por tantas lágrimas,
embrulhado dentro da terra podre.
Um pedaço de pedra com meu nome cravado.
Sou eu e o descanso forçado.

Distante por um momento de todo e qualquer monumento.
Toda obra um dia já criada pelo homem se torna o nada
[chorando para ser notado.
Existe uma quantidade significativa de perturbações vagando
[por aí; vez ou outra, uma tropeça bem à nossa frente.
Sabemos que a dor só é reconhecida quando estamos sem
[anestesia.
Reconhecer a nossa teimosia perturba noções outrora em
[nossa mente.

Sabe-se bem o poder do erro;
sabe-se pouco o que fazer então.
Mas saber não é o problema
num mundo onde para o amor procura-se solução.
Saber nunca foi o problema;
este sempre foi o não se permitir dar o perdão.

Não há justificativas, por mais fundo que se procure.
Há apenas uma criatura perdida no âmago de sua tentativa
[de ser.

Ser alguém perfeito.

Permita-me, a vida, alcançar minha perfeição, antes que a
[morte descubra meu nome, antes que aos vermes eu
[seja refeição, antes que eu não possa mais lembrar-me de
[meus olhos pueris e me satisfazer ao recordar que já fui
[satisfeito por completo.

Sou incompleto.

Encaro o espelho e sinto falta do passado por perto.
Se eu pudesse juntar meus fragmentos atuais aos antigos
gerar-se-ia a exposição
mais graciosa já conhecida:
um humano com rumo.

Escrevo ao passado, pois devo perdão ao ser sorridente que
[um dia existiu.

Declaração escancarada de amor à pureza que há tempos
[partiu.

Pedido de ajuda, grito de socorro.

Minha hemorragia disfarçada de sangramento será exposta.

Compreendendo-me, suture-me.

Ou a aflição pela cor vermelha te repelirá?

Criança assustada, sonhava com os céus,
cresceu e tornou-se, de si mesma, réu.

Aproxime-se da maca na qual estou.

Mesmo em meu estado enfermo,

se, ao acordar, te visse me fazendo companhia,
vontade não faltaria de poder andar novamente.

Pena que o tempo não nos foi clemente.



Acordo e vejo que, infelizmente, enxergo bem.
Não te vejo em lugar nenhum do horizonte.
Há feridas em todos os cantos, vazio por todos os lados.
Em todos os resquícios de minhas memórias
existe alguma porção minha que é melhor deixar ir embora.
A criança inocente ficaria frustrada se presenciasse o que o
[tempo a tornou.



No fim do corredor, qualquer sorriso aparenta ser de desespero.
A questão sobre a vida ainda paira no ar.
Não foi pedido para se nascer.
Eis então a bênção ou a tormenta?
O bom humor dos deuses ou a triste melancolia dos homens?
Se nessa longa estrada me deparei com alguma bênção,
[personificada estava na forma de tua essência.
Teu aroma, doce calma.
Adoecer-me-ia de novo se essa fosse a condição para viver
[outra vez, só para novamente me curar em ti.
Vejo-te afastando-te da maca.
Uma trilha irreparável, um passado distante.
Vejo-me à mercê de mim mesmo.
Vejo que morri.



Acordei com um canivete em mãos

Acordei com um canivete em mãos.
Apontava-o ao pulso,
afastei-o na hora.
Dormi novamente.

Sonhei que estava me esfaqueando.
Chorava, gostando.
Deveras apreciava
o sangue jorrando.

Creio ser normal imaginar-se morrendo
ao menos um dia
só por catarse
e depois se culpar.

Não matar-me-ei; prefiro viver.
Escolho o caos.
Ao menos vivendo
posso sonhar.

E o sonho vai me fazer sofrer
outra desilusão;
ciclo vicioso,
roteiro clichê.

Espaço temporal

Somos não muito além de instantes.

Seres idiossincráticos,
universos em expansão.

Somos ciclos eternizados;
erro e aprendizado.

Evolução sem fim, conteúdo assimilado.

Somos a lágrima de ontem e o sorriso também.

Somos bebês para nós mesmos;
ensinamentos para alguém.

Somos dualidades.

Inocência e experiência.

Sensatez e imprudência, mentiras e verdades.

Somos quem tanto procuramos.

Somos aqueles que tanto julgamos.

Somos anjos, somos profanos.

Somos um misto de tudo.

Somos, da vida, a causa.

Somos solução e distúrbio, somos restos de nada.

Somos células-tronco.

Somos a fé que nos falta.

Somos deuses céticos e esperançosos astronautas.

A passagem

Bebê chora de fome, preocupa-se pelo afago, pelo ninar.
Criança chora se não brinca, preocupa-se em tocar a campainha
[e se dissipar.
Adolescente faz os pais chorarem consternados, sabe-se lá
[que horas a cria voltará!
Adulto vive preocupado, o relógio agitado não o deixa respirar.
Idoso é autor de tantas páginas, carrega uma história inteira,
[livro a se eternizar.

Bebê vive e nem percebe, frágil anjo, puríssima poesia.
Criança é sinônimo de sonhos; é astronauta, desbravadora.
Adolescente é inquieto, inalcançável, sabe de tudo
[sabendo de nada.
Adulto é o começo da percepção, reconhecimento de erros,
[cruel constatação.
Idoso percebeu tanto, do divino e do profano; resta-lhe des
[crever a vida: doce ou ingrata.

Presente embrulhado na barriga da mãe, o laço eterno, simbiose
[emocional.

Crescer é confuso, um mergulho em imprevistas direções.
Nunca saber-se-á o ritmo das pulsações.
O amor é um de repente.
O fim é uma possibilidade.

Não somos isolados atos, tampouco somente instantes.
Somos a trilha completa, uma ode ao inconstante.
Ora caídos, ora obstinados; ora desistentes, ora incessantes.
A eternidade não começa só quando vamos embora.
Inferno ou paraíso, vivemo-los desde agora.

Aceitar-se uma metamorfose

Posso muito bem me incomodar com algum trejeito meu.
Posso querer mudar minha maneira de andar.
Não sou predestinado ao que estou sendo.
Hoje sou de um jeito, amanhã posso metamorfosear.

A perfeição está longe de todos, distante do burguês e
[do plebeu.
Erramos ao reduzir alguém a um fato isolado.
Manipulando narrativas, narra-se até Deus como o Diabo.

Incomodar-me-ei comigo mesmo inúmeras vezes.
Aproveitarei tão graciosa oportunidade.
Seria um gigante marasmo ser o dono da absoluta verdade.

É refém de si mesmo quem segue aonde alguém apontar;
é refém dos outros quem não muda quando deseja mudar.
Mudança não é obrigação, tampouco o é não se transformar.

Posso muito bem me incomodar com o que bem quiser.
Não represento ninguém além de minha própria transformação.
Barata, borboleta ou bicho de estimação,
tenho o direito de dar-me minha própria direção.

A complexidade do tempo

I

Seria o tempo herói ou vilão?
Por frações de segundos pode-se alterar a percepção.
O tempo pode ser castigo eternizado.
Pode ser absolvição.

O tempo presenteia com a vida e mais tarde nos furta a infância.
O tempo é aprendizado e, impiedoso, ressalta nossa ignorância.
A prévia dizia que muito eu sabia;
na hora, eu soube que sabia de nada.

Regozijo-me hoje;
amanhã, já não sei.
E se hoje tropeço,
amanhã saberei
caminhar em solo adverso.

O tempo ensina que dar um tempo pode fazer bem.
Um tempo longe de Deus; um tempo perto de alguém.

II

Somos uma organização de instantes, não episódicas
[sensações.
Tanta culpa é carregada por causa de triviais oscilações.
É normal estar jubiloso num dia e noutra ansiar por morrer.
Ninguém é júbilo vitalício – anote aí, senhor Deus,
[poderíamos ser.
A morte é o único instante que não permite a ninguém se
[arrepender.

Cada instante é a reprodução do somatório de tudo outrora
[aprendido com aquilo que ulteriormente espera-se aprender.
O tempo pode ser o pior dos pecados; pode ser fé trazendo
[novos significados; pode ser veneno ao vivo;
[torniquete ao ensanguentado.
O arrependimento é um alerta de que se está aprendendo
[a viver.

III

O tempo é danado. Sem ré e sem freio.
Transforma-nos um bocado.
Modifica a lista de desejos: sobreviver substitui voar e se
[torna o primeiro.
O que éramos há um minuto não seremos novamente no futuro.
As cicatrizes dos cortes nos peitos estarão sempre evidenciadas,
mas não há hemorragia emocional que não possa ser estancada.
Erro pode tornar-se aprendizado.
Uma falha pode seres traumatizados gerar.
Gênio algum sairia da lâmpada se ficasse amedrontado
com a mão do estranho que ronda seu lar.
O tempo revela segredos e esconde verdades.
Confunde sábios, confronta as trevas, gera repetições, é
[inevitável.

IV

O tempo é uma infinita sandice.
Parto, crescimento, reprodução, velhice.
A regra é bem conhecida.
Somos peças clichês,
a vida é tabuleiro surreal.
O tempo é real, corrida sem freio.

O tempo é farol intercalando entre verde e amarelo –
[jamais vermelho.

O tempo é imprestável.

Ninguém devolvê-lo-á.

O tempo é tormenta,

deixa-nos com pouco tempo para poder amar.

O tempo é finito;

nós, contravenções.

Podemos instantes eternizar.

V

Tormenta ou bênção?

Mágica encantadora ou cruelíssima maldição?

Cova manual ou simples cratera?

Nossa confusa passagem na Terra.

Na infância, corremos

sem nos preocupar.

Crescidos, caminhamos mansinho:

medo de tropeçar!

Sobra tanta alternativa;

falta muita coragem.

Criança é sábia:

“Desistir é bobagem!”

Aninhar-se na mãe

era o esplendor;

pedacinho do céu.

“Mais, por favor!”



Passado o tempo,
o presente chegou
embrulhado em surpresas.
"Por qual razão cá estou?"



Manifesto-me em versos,
sou o puro inverso do que outrora planejei.
Não me lembro de meu nascimento, nem de quando engatinhei;
minhas memórias começam no primeiro ato no qual proseei.

Rebelde das letras
desconsidero métrica.
Intentaram impor normas,
formulei minha réplica.

VI



Sopraram em meus ouvidos
artimanhas para livre viver.
Tropecei nessas tais armadilhas,
deixei de eu mesmo eu ser.

Enquanto garoto encarei tanto o sol que
crescido, adulto, experiente, danificado, aprendi.
Passei a lecionar:
admirar insensatamente a luz, dona-mor da beleza, pode cegar.



Falei-lhes de meus traumas
depois pensei a respeito.
Eu quis ensinar uma lição
ou somente me mostrar capaz de superação?

Às vezes me perco na narrativa,
tropeço nas palavras,
esqueço o nexó que teria meu texto.

Na premissa, mera poesia.
Preenchidas as laudas,
vejo metade de minha alma
resumida em caracteres.

Perdoem a confusão.
Adulto pede perdão
por leve esbarrão
no lotado metrô.
Excesso de modernização,
sociedade totalmente conectada,
mas tatilmente desconectada.

Não darei sermão.

Perdoem a confusão que meu texto virou.

Percebo-me regrado novamente.
Voltei a rimar.
Ortodoxia leviana!
Seria divino
sem mapa navegar...

Caiu-me um vício.
Prometeu substituir angústias.
Fiquei estupefato, boquiaberto!
"Dará tudo certo".
Descrente, tolo, acreditei.

Perdoem a confusão que meu texto virou.
A premissa apontava para uma simplória poesia.
Percebo-me tolo: acreditei.
Fiz da arte minha biografia.

VII

Não sei ao certo qual fora meu erro,
percebo apenas estar condenado.
Grades me cercam, algemas nos pulsos.
Respiro ainda. Deveria estar grato?
Não matei o Sr. Tempo, ele me matou.
Latrocínio, eu diria: meus sonhos roubou.
Dez anos de pena: o tempo que me restou.

Não sei responder quanto ao motivo do crime,
quando dei por mim sangravam minhas mãos.
O vermelho não me pertencia!
De minha vida era apenas a literal representação.

Não matei o Sr. Tempo, ele me matou.
Latrocínio, eu diria: meus sonhos, roubou.
De mim, sinto pena, "sobram ainda dez anos".
Me chamam de louco.
Mal sabem como é a cela dentro do meu corpo.

VIII

O tempo é gravidade
puxando pra baixo,
a sete palmos da terra.

Questão de enfraquecimento

Corre o menino, desajustado;
sorrisos por todos os lados.

Corre o menino, apaixonado;
crente que pode voar.

Corre o menino, por notas altas,
ao tom da inocência.

Corre o menino, despreocupado,
sob a dádiva do fantasiar.

Anda o homem, relutante;
tomou ciência.

Caminha o homem, até o terraço,
ciente de que não pode voar.

Voa o homem, angustiado.
Segundos finais.

Cai o homem, estilhaçado.
Pedaços por todos os lados.

Questão de perspectiva

Quero logo ser adulto para tudo controlar;
ter controle sobre o mundo
e as regras ditar.

Quero poder decidir a duração do meu brincar;
brincadeiras o dia todo,
quem não iria adorar?!

Construirei espaçonave, muito divertir-me-ei.
Coletarei estrelas, juntá-las-ei aos brinquedos meus.
No fim da farrá tocarei a face do bondoso Deus.

Não entendo os mais velhos, querem tudo complicar;
quero logo ser bem grande
e o mundo consertar.

Quero logo ser adulto para tudo controlar;
brincadeiras o dia todo
e o mundo consertar.

Corro pouco lá na rua, fico muito em meu lar;
"a humanidade se arruinou",
mamãe tenta explicar.

Questiono do futuro, se papai irá voltar.
Os olhos dela se avermelham
e logo se põe a chorar.

Não entendo, "coitadinha"; começo a me desculpar;
"tudo bem, meu querido,
só me caiu um mal-estar".

Acrescenta, me explicando, "casais podem se afastar".
Mas que coisa esquisita!
Os dois tinham o costume d'amor eterno jurar.

Deito confuso, tanta coisa a se pensar!
Fecho os olhos, daí sonho:
tudo resolver-se-á.

Quero logo ser adulto para tudo controlar;
ter controle também do mundo
e as regras ditar.

Quero logo ser adulto para meu papai eu ir buscar,
deixar mamãe bem contente;
um sonho a realizar.

II
Se encontrasse uma lâmpada
um desejo bastaria
para me realizar.
Quão bom era ser criança!
Àquele tempo quero [muito, muito, MUITO] retornar.

Via o céu e acreditava:
adultando-me poderei voar;
ver aves me agradava.



O viver era bem simples
naquele tempo de garoto, sair da cama
era o mesmo que sonhar.



A bobeirice falta faz.
Pega-pega, pique-esconde.
Jogava sobre a verdade também.
Brincar de polícia e bandido,
tirava a vida de ninguém.

A conectividade pelo tato se fazia:
uma briga cá ou lá,
dois abraços lá e cá.



Tocar a campainha da vizinha
[correria nossa de cada dia
nos dai hoje a diversão].
Perdoávamos as ofensas;
garotada muito esperta,
toda hora era a certa
para se fazer uma reunião.



A inocência falta faz.
Seu Noel na chaminé
e a tal Fada dos Dentes.
Crescer ensina aos poucos
aceitar-se um ser descrente.

Fitava o Sol sem nem piscar,
valia a pena os olhos queimar.

O melhor da vida era se maravilhar;
para ter prazer bastava pouco:
medo era inexistente.
Até tarde nós na rua,
uma bola a se chutar.

Se encontrasse um gênio
faria uma única pergunta:
"Conheces muito de tudo,
[História, Biologia, Física quântica e Astronomia;
falas bem o Português, as línguas orientais e dominas o sotaque
[da França];
diga-me, com toda essa sabedoria,
como faz um pobre adulto para voltar a ser criança?"

III

Tropeçar não me enrubescia,
permanecer no quarto não me comprazia.
A solidão não me agradava.
Eu era tão vivo, pássaro que voava.

Eu era um universo infinito.
Tornei-me poeira registrada em fotografia.
Criança naturalmente sorri; adulto aprende a fingir.

Universos paralelos

Complexa estrutura molecular,
gene imaculado destinado a pecar,
em si mesmo é o ser um universo.

Há em nós célula semelhante àquela existente
em habitantes de outros planetas.

Tecnológico jogo de dados.

Cada criatura provém de improvável par de gametas.

Complexa estrutura molecular,
filogenia é, de lembranças, o perpetuar.

Uma pena tanta tolice da humanidade não dissipar.

Todo aquele que respira um dia será julgado por alguém.

Esquecem-se de que da perfeição estão todos aquém.

Complexa estrutura molecular,
infinitos átomos a se multiplicar.

Universos paralelos,
são universos estes olhos meus.

O universo ao nosso redor é a íris de um deus.

Universo idiossincrático

Sou muito daquilo que não desconfiam;
os olhos não mostram o grito da alma,
a beleza é fruto de generosas perspectivas,
a decepção advém de incoerentes expectativas.

Sou muito daquilo oculto nas sombras;
sou luz, sou perigo, sou poço sem fim.
Vivo ambivalências, vivo inconsistências,
sou paz, sou conflito, demônio e querubim.

Sou muito daquilo que ainda não sei,
aprendo comigo severas lições.
Procurando abrigo em inaudíveis canções,
desvalorizo as belas obras que outrora criei.

Sou muito daquilo que muito chorei.
Escrevi versos com tinta e com sangue,
sobrevivi por imensos capítulos de dor,
fui enterrado cem vezes; cem, ressuscitei.

Sou muito de mim e muito dos outros,
sou tanto original quanto reciclado.
Sou água doce e oceano salgado.
Há em mim padrões e idiossincrasias.

Sou alma sentenciada, sou alguém no limbo;
sou metade minha mãe, metade meu pai.
Sou a incerteza de tudo; a convicção de nada;
metade labaredas e metade enseada.

Átomos

Sinapses difusas acontecem na peculiaridade de cada ser.
Observo silhuetas solitárias quase a ruir.
Fragmentos meus nos outros servem-me de elixir.
Compreendi que igual a mim são tantos outros a existir.

Atento-me a meu planetário.
Rotações desorientadas, desastres celestiais.
Seria bem mais fácil essa tarefa chamada viver
se o que crio na mente viesse a acontecer.

Todo planeta tem alguma parecida essência.
Desvios saudáveis, desvios de imprudência.
Difícil definir certo e errado;
cada um teve um díspar caminho trilhado.

Em cada peculiaridade existe um punhado de gente – tão
[grande nó!
Se olhássemos direito nos veríamos nos olhos dos outros.
Seremos uma molécula perpetuamente desordenada
até aprendermos que cada um é um átomo idiossincrático
[de um todo só.

Um dia

Um dia ainda faremos graça
com tudo aquilo que hoje
nos faz chorar.

Um dia ainda serei criança,
deixarei de lado tanto medo,
voltarei a sonhar.

Um dia colonizarão Marte.
Que não repitam lá o ultraje
ocorrido no lar, doce lar.

Um dia serei adulto tranquilo,
admirarei o musicista da rua
sem medo de me atrasar.

Um dia demonstrarei meus sentimentos.
Não me causará angústia
o que possam vir a pensar.

Um dia viajarei sem órbita
sem dia nem hora para voltar.
Quem sabe assim eu, adulto inconstante,
poeta sem normas, possa me encontrar.

A matriz

Que o colo da mãe nada no mundo melhor havia.
Aconchegava-se no abraço apaziguador.
O acalento maternal tornava-o sonhador.
Núcleo caloroso.

Sensação igual não há nem haverá.
Reviver a infância tão doce cura seria!
A fé inabalável cedera ao tempo;
drogou-se do mundo, aprendeu a perder.

Interessou-se num novo bocado de coisas.
A matriz foi sendo esquecida.
Um vazio crescente tornou-se rotina,
procurou distrações e disfarces à vida cretina.

Com calma, já velho, caiu choroso.
Percebeu que viver é sentença de morte.
Atravessou o corredor sem aproveitar.
Não valorizou quem lhe foi, por nove pesarosos meses, lar.

Restou-lhe um clamor por desejar retornar.
Restaram-lhe pesares e um mal-estar.

Por fora, escravo, servente do mundo; predador de si mesmo.
Por dentro, criança querendo, de novo, no colo da mãe,
[se aninhar.

Isótropo

As bordas de meu corpo enganam quem vê.
Enganavam até a mim.
Sou horizonte sem fim;
as sinapses em minha mente são universos em formação.
Meus neurônios bailam tal qual a mão do escultor.
O humano é a perfeita criação;
evoluirá até se tornar criador.

A vida é um instante, um punhado de memórias.
Em mim guardo o instante eterno e os meses que foram embora.
Sou cofre mantenedor de episódios marcantes;
só pude ser o que sou após tudo por que passei passar.
Notei que a trilha não é linear.
Viver não é ser tinta a percorrer uma folha.
Viver é um momento eternizado, efeito dominó de uma
[única escolha.

Horizonte não linear,
ciclo que se repete incontáveis vezes
e surpreende em cada uma delas.
Questionar-me-ei sobre mim infinitamente.
Sou infinito.
Sabê-lo é o primeiro passo da jornada.

Sou mistério que almejo compreender.
Sem bordas ambiciono viver.
Isotrópico ser.

Idade mental

Idade mental:

faço careta no espelho,
mas queria mesmo fazer na frente dos outros.
Queria também brincar de pique-esconde,
pega-pega, telefone sem fio,
orbitar-me em meio a bambolês,
deixar de lado tantos porquês.

Infância é um tempo que passa depressa.

Saudadeio ser só alegria.

A opinião sincera sem preocupação,
à criança falta ganância e sobra autenticidade.

No meio da tarde
a turma toda
divertia-se sem vaidade.

Ao menos tornei-me arteiro,
canto para minha amada plateia no chuveiro;
escrevo cartas de amor imaginando-me ser o destinatário.

Passei a ser remetente de abraços.

Apetece-me a união, tudo bem juntinho.

Cortes na alma só se curam com afetivos laços.

Ser maluco permite ao doido achar o hospício normal.

Ser clichê me parece castigo,
ser normal me parece sandice.

Os normais que me perdoem, mas loucura é fundamental.

Se me virem dançando
sozinho no quarto ou no corredor,
chamar-me-ão um doutor:
"Maluco da cabeça!"
Inocente peculiar cor no tinteiro.
Se todo mundo tivesse alma de criança
eu brincaria com o mundo inteiro!

Saudadeio as travessuras,
todas elas sem maldade:
a bola na janela da vizinha,
a correria após tocar-lhe a campainha.
Imenso alarde!
Pena que a inocência deliciosa da infância
vai embora com a idade.

Um quadro em branco

Um quadro em branco:
assim o ser humano
colore-se atravessando
percurso ora são, ora insano.

Persevera sem cessar.
Alcança o inesperado,
surpreendendo-se com o achado.
Iguala-se em meio às diferenças.
Conhece-se após turbulências.

Há a obstinação em se reerguer
após experimentar quedas.
Há a felicidade, com dimensões peculiares:
uns a alcançam com simplicidade;
outros, de megalomania têm necessidade.

E essa busca permanecerá sempre constante.
Uns praticam-na instante após instante;
uns dão tempo ao tempo,
aguardando aquilo que chamam de “certo momento”.

Crenças insanas

Nessa minha insanidade já adulta
finjo acreditar que minhas crenças me salvarão,
assim como acredito ser capaz de encontrar abrigo
dentro d'algum coração.

Nessa minha insanidade já adulta
anseio pelo tão requisitado perdão;
faço dele meu objetivo, meus erros disfarço.
Eis aí a absolvição.

Nessa minha insanidade já adulta
não acredito mais em magia,
não acredito mais em ressurreição.
Acredito que a morte definitiva é a melhor solução.

Essa minha controversa insanidade já adulta
me traz um crucifixo enfeitando o pescoço,
uma Bíblia na fogueira
e um frasco de água benta ao lado da espreguiçadeira.

Adulto desafinado

a criança por trás desse meu corpo de adulto
os mil sonhos que existiam antes da barba
a sã inocência nessa maturidade de maluco
os dois mil planos que faziam a vitória ser conquistada
a esperança por dentro de minha pele bem cuidada
a tranquilidade resultante de uma bela noite de sono
a criança que empinava pipa na sacada
a orbe reluzente
meu ser que outrora respirava valente
meu ser que outrora era persistente
meu ser que sonhava, meu ser que cantava
meu ser que dançava na chuva, cadê?

Variáveis de um ser inconstante

Não frequento balada.
Tanto barulho, multidão falando, compreendo nada.
Nenhuma objeção, questão de gosto.
Prefiro um cantinho sereno onde eu possa conversar.
Talvez um bar, com violão, alguém a cantar.

Não gosto do marasmo.
Encanto-me com luzes, volumoso som ao fundo,
um encontro de pássaros que resolveram dançar.
Incessantes os desejos que anseio realizar.
A vibração sendo prelúdio de data a se eternizar.

Uma sessão de cinema,
escolha perfeita para se fazer a dois.
Não obstante, a sétima arte também agrada individualmente.
Começa a narrativa, mil sensações diferentes:
romance, drama, humor. Parece até a vida da gente.

Nada mais gostoso do que se banhar na praia,
seja essa no Nordeste ou em bandas caiçaras.
O sol dominando-me o corpo; da areia, admiro a Lua.
Litoral sempre será a perfeita escolha.
Esqueço-me das mil buzinas; na rede, fico à toa.

O mais gostoso dessa vida com certeza é se entregar.
Entregar-se para amores; do amor, abusar.
Não me vejo sem tal ato,
chamam-me de insensato.
Afirmo que amado posso melhor respirar.



Esse tal de amor é bruto,
severo é seu codinome.
Estrada sem fim.
Há armadilhas no percurso,
falta sinalização – curvas abruptas, inesperada direção.



Cada inspiração me mostra a graça do Senhor.
Permite-me respirar, expurgar o meu horror.
Sem fé, somente nada é o que somos.
Do céu que advém o verdadeiro amor,
incondicional, purificador.



Tu, minha metade, meu esplendor.
Com teus beijos sinto meus lábios no paraíso.
De nada mais preciso.
Meu corpo clama por mais.
Tua boca fiel me faz.



Metamorfoseei de todas as formas,
mil variáveis de um ser inconstante.
Mudei a fonte centenas de vezes,
corri por todos os lados e ainda pareço perdido.
Maré e areia, desestruturado e corrompido.

A dor de crescer

Quando menino, um sonhador.
Já crescido, arrependido.
Quando, menino, caiu-te tanta dor?

Já instaurados os males dos sentidos –
sem tido alguém lhe avisado sobre isso –
perdeu a inocência e viveu um sacrifício.

Sacrificou a inocência por paixões levianas.
Dividiu-se em dois, precisou d'algum na cama.
Firmou os pés no chão, absteve-se da imaginação.

O impossível passou a ser impossível.
O menino passou a ser homem.
O choro passou a ser racional.

O incrível nunca mais foi incrível.
O homem morreu pouco depois de virar doutor.
Morreu a criatura, tempo letal.

Efemeridade

Fui convocado a assoprar umas velinhas;
inspirei inalando todas as minhas lembranças.
Em fração de segundos fora invadida a minha mente.
Um pacote do passado de presente.

Desembrulhei, desfiz os laços.
A criança correu para todos os lados.
Criança corre despreocupada com o que vão falar.
Criança dá cambalhota, dá estrela, não teme se vão julgar.

Da paixão juvenil lembrei-me também.
Tão intenso é o amor de quem nunca sofreu de amor
[por ninguém.

“Dar-lhe-ia o mundo, se isso eu pudesse.”
Juventude é convicção; vida adulta é prece.

Últimos segundos da chama dançante.
Aplaudiram-me a bravura – mais um ano que se passa.
São lá tantos anos moldando a gente.
“Quanta coisa passei!”, lembrei. Sorri de repente.
Assoprei.

O fim do sonho de plumas

Comprazia ao passarinho adejar sonhadoras plumas.
Cheirou jardins inteiros, tirou férias nalguns canteiros.
Tão jovem o passarinho, nada lhe preocupava.
Acreditava ser rei da vida. A finitude, burlava.

O tempo, hostil, mostrou-se, trouxe a desilusão.
Os voos tornaram-se rasos – atritos contra o chão.
Cicatrizes se formaram, paralelo de penumbra.
Vil o tempo. A idiosincrasia guardou as asas; bateu-as a

[adaptação.

Passarinho enfraquecido fez pouso de emergência.
Acabou-lhe a energia, precisou de indulgência.
Praguejou a si mesmo, frustrou-se por deixar de acreditar.
Então se entregou no ninho, esperou a morte chegar.

Solilóquio da gênese

Entrei no banheiro.

Olhei para o espelho.

Deu-me "oi". Correspondi.

– Que é que fazes aqui? – perguntou.

– "Aqui" é muito vago. Referes-te a quê?

– A este planeta. Que mais poderia ser?

– Mil possibilidades, com certeza!

– Mas todas trar-te-iam ao planeta.

Fiz-lhe uma careta. Pessoa mais insossa!

– Olha, preciso sair. Quem sabe vemo-nos por aí. – Na fuga, investi.

– Faz nem dez segundos desde que chegaste!

– Acertou – Dei de ombros. – Mas, por favor, compreenda o inesperado. Surgiu-me compromisso. Encontrar-me-ei atarefado.

– Isso está errado! Não fujas de minha questão!

Descarado!

Dei meia-volta. Encarei-o nos olhos. Foi-se embora a ideia de ir embora. Fiquei irritado.

– Não fujo de coisíssima nenhuma – vociferei.

– Então, vamos! Responde!

– Por obséquio, repita a questão...

– Que é que fazes aqui, neste planeta?

Franzi a testa, a cabeça tombei. E lá se foram vinte anos.

Quem sabe daqui outros vinte eu responda, pois ainda nem sei.

Banal existência

Enquanto criança, a pipa cortando o ar.
A bola espatifando a janela e fazendo o abajur tombar.
A campainha da vizinha sendo freneticamente tocada.
O medo de ver um gato preto e passar debaixo da escada.

Enquanto jovem, os hormônios protagonizando
os corpos enaltecidos, os grupos sendo formados.
Solilóquios de amores; o plantio, a colheita e flores assassinadas.
Madrugadas em claro, festas desenfreadas, ressaca impiedosa,
[uma manhã complicada.

Enquanto adulto, nostálgico, museu ambulante.
Vaso de saudade, transeunte solitário na cidade.
Despertador semanal, fim de semana vital.
Frustração no trabalho, inquieto animal.

Enquanto velho, a espera diária.
Incerteza do amanhã, histórias de ontem.
Memória falha, o corpo também.
Findado teu tempo,
Deus te abençoe,
espero que tenhas aproveitado,
amém.

Bagunça compactada

Desde os Australopitecos já é costume se agrupar.
Ideais compatíveis evitam, às vezes, mal-estar.
A reflexão nasceu após nascida a linguagem.
Com a criação das letras veio a salvação e a maldição da
[humanidade.

Com a criação das letras veio a salvação e a maldição da
[humanidade.

Poderiam se compreender, puderam se estranhar.
Domaram o fogo, a matemática, o tempo, até o mar.
Domadas tantas coisas, perceberam-se condenados a domar.

Domadas tantas coisas, perceberam-se condenados a domar.
Um só é solilóquio, se tem dois pode ser caos.
Para cada loucura no mundo outros três loucos para
[acharem-na sensata.

A bagunça "humanidade" é dividida em países para ser
[compactada.

A bagunça "humanidade" é dividida em países para ser
[compactada.

Surgiram os territórios, os exércitos, as crenças, os cétricos.
Surgiu o canto céltico, o jazz, o rock 'n' roll, a MPB.
Surgiu a metalurgia, o rádio a pilha, o preto e branco, a TV.

Surgiu a metalurgia, o rádio a pilha, o preto e branco, a TV.
Construirão robôs e espaçonaves, sairão da Terra para
[sobreviver.

Colonizarão outro planeta, serão messiânicos para uma inter
[planetária nação.
Tudo repetir-se-á. Terão sido as letras salvação ou maldição?

Estrelas modernas

Desde que o mundo é mundo
buscamos algum tipo de proteção.
Damos nosso destino a alguma divindade,
tornamo-nos acorrentados por frívolas teorias.
Pensamos pouco e nos classificamos como estupendos donos
[da verdade!]

Somos astros apartados da Filosofia.
Certas estrelas não brilham com autonomia.
Observei o céu, fotocópias nele havia.
Gerou-se o medo de ser diferente;
disseram que assim só age o imprudente.

Disseram demais sabendo de menos.
Crias da Terra julgando as de Vênus.
Ser igual não é estranho; diferenças fazem parte.
Não ouviram um disco provindo de Marte, houve alarde.
Um extraterrestre no encarte. Metade humano, a outra metade
[sem traje.]

Poderíamos tanto, mas apartados teimamos em remar.
As frágeis gotas encontram um obstáculo;
insistentes, coletivas, onda após onda, podem continuar.
Falta a nós, astros, a união e a fé vista no mar.
Não há estrela que sozinha possa o céu iluminar.



*Ninguém tem que viver com essa autocobrança de
querer fazer tudo sempre perfeito.
Nem sempre dará tudo certo e isso não é motivo de
demérito.*

PARTE II
SOBRE EXISTIR NÃO SOMENTE AO
REDOR DE SI MESMO



É tudo interpessoal

“Fosse só eu no mundo, seria mais fácil viver
Entendo-me tão bem comigo mesmo, sempre tenho razão.

Fosse só eu no mundo, o mundo seria mui belo.
Sem ideias diferentes, sem ninguém para me contestar
meu raciocínio faria sentido, meu comportamento seria adorado.
Sem lado oposto ao meu, minha autoestima iria se multiplicar.

Fosse só eu no mundo, eu não precisaria me desenvolver.
Meus erros não teriam testemunhas; desnecessário seria pedir
[um perdão.
Fosse só eu no mundo, não seria penoso obter absolvição.”

Ilusão.
Conheço-me de modo cirúrgico.
Fui meu próprio mártir incontáveis vezes.
Mesmo se fosse só eu no mundo,
ainda assim sobraria
demasiada contradição.

Trancar-se em cofre jamais será sinônimo de proteção.
Viver em bolha jamais será solução.
São os outros ao meu redor que me fazem notar estar vivo.
Só sou grato ao silêncio após ferir meu ouvido
com um grito.

Acusação leviana

Durante um encontro de amigos atuei,
acusei alguém de ter me feito mal.
Olhos arregalados; ficaram boquiabertos.
Encararam-se, curiosos.
"Pois diga-nos o nome de quem te fez esse mal", um sugeriu.
Apontei o dedo a quem perguntou e falei:
"Sabes bem quem foi: você, seu cara de pau".
Ficou sem compreender e se engasgou. "Como assim?"
Recusei-me a dizer qualquer outra palavra.
O silêncio seguinte bastava.
Fizeram dele culpado só porque acusei.
Comecei a chorar e ele deu de ombros.
Comoção geral foi o que eu causei.
"Diga-nos, o que a ele você fez?"
"Fiz nadinha de nada, meu Deus!", se defendeu.
Exigiram explicações sobre o inexplicável.
Ele foi se afundando conforme o tempo passava.
Por fim, já furioso, me ofendeu.
Estopim da violência, alguém lhe bateu.
Começou a balbúrdia e o culpado fui eu.
Pegaram-no pelo pescoço e saíram do bar.
Foram até o penhasco e empurraram-no, sem sequer titubear.
Caiu e se espatifou parecendo vidro.
Fragmentos de um homem outrora querido.
Acordei assustado, coração na boca.
Em meu próprio sonho eu fui o inimigo.
- O que achas disso, doutor? Faça a interpretação dos sonhos.
O psiquiatra meneou a cabeça:
- Uma história bem louca.

Salve-se quem puder

Em mais de uma ocasião precisei de ajuda e testemunhei,
[não estenderem a mão.

Culpei-os pelo meu enterro.

O tempo me fez deixar de culpar tanta coisa antes vista
[como erro.

A vida é corrida maluca,
um amontoado de gente fazendo malabares para erguer o
[troféu inexistente.

A conquista é subjetividade.

A realidade é um tanto egoísta.

Derruba-se pessoas para usá-las como ponte.

Já caminhei de um penhasco a outro.

Já caminharam sobre mim.

O tempo passa e nem sempre o egoísmo chega ao fim.

O tempo passa, a dor cicatriza e costumamos errar de novo.

Machucamo-nos sem cessar, homens da caverna.

Não dialogamos mais, toda troca de pensamentos termina
[em baderna.

Está faltando empatia e sobrando projeção.

“Se a pessoa for semelhante a mim eu me esforço para ter
[compreensão.”

O diferente é inimigo.

Ninguém mais pode tomar conta do próprio umbigo.

Salve-se quem puder

e corra o risco da autenticidade quem quiser.

Extraterrestres

I

Estaríamos em união
soubéssemos de invasão
alienígena.

Transbordaríamos afeto
ao inimigo hoje certo
houvesse um perigo maior manifesto.

Rancor nenhum haveria.
Haveria, entre os espécimes, empatia.

Estaríamos em união
soubéssemos de ataque
alienígena.

O amor seria manchete.
Julgamentos iriam à prisão.

Estaríamos em união
não fôssemos nós
nossa condenação.

II

Percebi sermos de nós mesmos a ameaça.
Um antigo medo tornou-se contemporâneo desejo:
abdução.



III

É muito universo para tão pouco amor.
Somos vizinhos estranhos,
somos da mesma matéria.
Sentimos tão pouco, temos pavor.



Decerto há vida em outros planetas.
Enquanto dormíamos, nos observaram,
leram nossas mentes, sentiram nossas emoções,
preferiram manter distância, pelo bem de suas nações.

Somos só um fragmento de uma vida inteira distribuída em
[mil universos.

Ao dormir, acordamos em outra realidade.
Ao acordar, nos esquecemos do sonho – paralela existência.
Mantemos a ilusão de sermos especiais, alimentamos nossa
[tola crença.



Alimentamo-la por vaidade.
Acreditamos sermos demais quando somos tão pouco.

É muito universo para tão pouco amor.
São muitos textos para pouco sabor.
São muitas fotos para poucas lembranças.

Somos extraterrestres avançados para alguém, agimos pri
[mitivamente entre nós.
Somos um talentoso cantor que nunca valorizou a própria voz.
Somos a espécie branda que se esforçou para tornar-se atroz.

Juízes insanos

Muito réu recebe sentença de juiz que flerta com a insanidade.
Juízes loucos usam resquícios para decretar a personalidade.
Ninguém é só um ponto, uma cor, uma falta de ajuste.
Todos podem ser mil coisas; uns querem ser coisa nenhuma.
Mesmo escolhendo ser nada, ainda é-se um bocado.
Somos caixa de Pandora com peculiares expurgações.

É cômodo viver em bolha com cadeado para todo lado.
Sentencia ao amor só quem segue cartilhas com fervor.
Fazem de verdades pessoais as leis para se sentirem reis.

Gostar de azul não é sinônimo de odiar quem usa vermelho.
Odiar os outros geralmente é projeção do ódio sentido ao
[encarar o espelho.]
Julgamentos premeditados dizem mais sobre quem julga do
[que sobre o condenado.]

“Se fizeste isso és do bem, se fizeste aquilo és do mal”.
Subjetividade tão tola quanto um mapa astral.

Muito réu recebe sentença de juiz que flerta com a insanidade.
Usar toga não é sinônimo de imparcialidade.
Diploma não é sinônimo de capacidade.
Características singulares não definem personalidade.
Juízes loucos são os que condenam o mundo enxergando
[apenas sua própria verdade.]

Retificação

Venho por meio desta trazer minha retificação.
Julguei os divergentes por falta de compreensão.
O ímpeto em acusar alheios foi-me como proteção.
É cruel olhar para dentro de si mesmo e só ver confusão.
Por isso apontei dedos, critiquei tons de cabelo.
Fui, por muito, inseguro. Tropecei muito na vida.
E muito fiquei parado.
Para sobreviver, minha mente, sem me contar, plantou mentira:
fez dos outros os errados. Acreditei e colhi.
Outrora vi em mim um querubim.
Eu ainda não sabia que todo diabo é um pouco assim.

Venho por meio desta trazer minha retificação.
Fiz d'alguém subterfúgio ao vazio de meu coração.
Dei-me a paixões, crédulo que sentia algo maior.
Maior mesmo foi o equívoco com o qual me deparei.
Por não me resolver comigo mesmo, outra criatura nunca
[sequer amei.

Gostei da sensação de ter alguém juntinho, ao lado.
De fato, era só isso. Era solidão, mas era acompanhado.
Passei a viver monólogos com meu eu dentro do quarto.
Descobri dentro de mim alguém que me faz encantado.
Por conseguinte, posso distribuir o amor que encontrei.
Aceitando corrigir-me, revolucionar-me-ei.

Demonstração

Sentimento não demonstrado
é humano cheio de vida
enterrado.

Sentimento não demonstrado
afasta banhistas,
assim como um mar que aparenta ter secado.

Sentimento não demonstrado
é corrente sanguínea envenenada.
Tem-se o óbito como resultado.

Sentimento não demonstrado,
adulto receoso, adulto formado,
antônimo de pueril.

Sentimento não demonstrado
pecado capital não anunciado.
Deus omitiu.

Metáforas do coração

Cobram de mim um pedaço de meu coração.
Fugi para longe de tamanha violação.
Rotularam-me “cruel”, “sem amor”, “sem salvação”.

Gritaram para mim: “sem ti eu morro”.
De resposta gritei: “socorro”.
Quero apenas cumplicidade e não ser tratado como fonte
[de respiração.

“Poeta hipócrita tu és, faz versos românticos e foge de nossa
[intensa união”
Encarei, franzindo a testa: “Realidade é uma coisa, outra
[coisa é ficção.
Romantismo é hipérbole, mas hipérbole demais perde a razão”.

Declaração de sentimento às vezes usa figura de linguagem.
“Sem você eu morro, és minha vida, meu ar, meu tudo, meu
[teto e meu chão”.

Só não se esqueça da observação:
candura usa metáfora e hipérboles, mas ninguém morre
[de paixão.

O beijo não consumado

Aquele beijo não dado,
que não te roubei
por medo do furto ser delatado.

Um romance desejado
que sequer começou,
um rumo vil o destino trilhou.

Inexistente beijo, o nosso.
Como posso novamente viver?
Quando a ti não me declarei, me sabotei.

Aquele beijo não dado
que não te roubei,
sentenciou minha pena,
um réu confesso,
covarde em excesso.

Não há empirismo,
fomos só projeção.
Eu com você era a solução.
Seríamos tanto, acabamos sendo nada.
Maldita a lacuna, perfeição intocada.

Dolorosa a lembrança.
Teus olhos brilhavam,
foste oásis ao sedento,
Natal à criança.



O sedento morreu,
temeu se aproximar.
A criança se frustrou.
O Natal terminou.



Aquele beijo não dado,
virou meu grande castigo.
Pudesse retardar os ponteiros,
declarar-me-ia o dia inteiro.



Aquele beijo não dado, que não te roubei,
por medo do furto ser delatado.
Roubou-me a paz.
Deixou-me frustrado.
As bocas poderiam ter se deliciado.
Um romance poderia ter sido construído
tivesse acontecido a ação que hesitei.



Aquele beijo não dado.
Estávamos perto,
tão perto, tão perto
e nem sequer tentei.
Naquele instante,
paralisado por medo,
eu hoje percebo,
me suicidei.

O mar hobbesiano

I

Sou um peixe diante do infinito.

Faço parte de um cardume, não sei se por afeto ou por medo
[do perigo.

Tão vasto o oceano, lar do desconhecido.

Quando é-se um atum é comum desconfiar que o tubarão
[seja amigo.

II

Sou um peixe que já abriu mão do mar e
juntamente com outro peixe num aquário foi morar.

Tal episódio prazeroso precedeu uma indagação.

Terá sido o amor que tive um disfarçado medo da solidão?

III

Sou um peixe predestinado a nadar.

Não posso bater asas, cruelíssima maldição!

Deu-me, a vida, um castigo; deu-me, o esforço, superação.

Dou impulso, dou um salto; ao céu, minha admiração.

Loucura sentimental

Em meio ao caos da existência
faltou-lhes prudência
e criaram um complemento à loucura:
um tal de amor, que mata e que cura.
Naufraguei nessa institucionalização.
Agora te é permitido me acordar sem pedir permissão.
Concedo-te autoridade e tiro a tarja de toda censura.
Não és a primeira pessoa que amo.
O roteiro sei bem, decorei por inteiro.
O início é paraíso, ambos entregues de corpo e alma.
O fim é infernal, perturbador tal qual um apocalipse.
Da maca um dos dois pedirá socorro.
O outro se afastará.
Tirá o avental; vestirá roupa de grife.

Habitante sedento em planeta deserto

Vós-me-cê poderia dar-me algo de beber?
Sedento estou faz tempo, não sei me satisfazer.
Bebi de rios que meus não eram.
Secavam e tinham fim.
Logo eu noutro deserto, delírios diante de mim.

Vós-me-cê poderia dar-me algo de beber?
Detento sou de mim mesmo. Ataco para me defender.
Afasto de mim as águas.
De sede seco. Vazio de mim.
Logo eu noutro deserto, delírios que não têm fim.

Vós-me-cê poderia dar-me tudo de você?
Água cristalina quero há tempos, ninguém vem me socorrer.
Vinham apenas como ondas – sem poder permanecer.
Em mar já me afoguei; já vi rio se escafeder.
Quero lago, bem calminho, e banhar-me sem sofrer.

Adorável colisão

Guardar cuidando. Não prendendo
num pote grande com muito ar.

Dar-te cristalina água, alimentar, limpar as penas.
Não gerar medo, contigo voar.

Guardar cuidando. Te orbitar.
És minha fonte. Luz estelar.

És grande mistério. Indecifrável, elementar.
Sou astronauta. Faze-me flutuar.

Guardar-te-ei num pote.
És meu universo em constante expansão.
Domaste minha mente, meu corpo,
domaste meu núcleo – apelidado de coração.

Descobri teu corpo,
admirei belas curvas,
deleitei-me do pecado inicial.
Corpos celestes em desenfreada fricção.

Duas correntes elétricas, um pulso de energia.
Positivo com negativo e, então, houvera a luz!
Dois cosmos paralelos gerando proliferação.
Apaixonados, são duas criaturas deliciadas pelo caos que
[as conduz.

Que haja perpetuamente o nosso devoramento mútuo.
Alcançamos o estágio final de prazer
e depois ele surge de novo...
perpetuação da espécie; círculo vicioso.

Nosso encontro mudou tudo,
trouxe uma nova percepção.
Somos dois universos
em adorável colisão.

Singelo e caótico ao mesmo tempo

O ato de amar é um terreno desconhecido, imprevisível, até
[mesmo um tanto quanto inevitável.

Amamos porque desejamos receber amor.

Amamos os outros, pois só nós mesmos não nos é o bastante.

Não nascemos fadados a um eterno isolamento.

Até mesmo um animal irracional consegue compreender a
[necessidade de se ter alguma companhia.

É questão de complemento.

Seja amor romance ou amor só confraternização.

O vazio é sufocante, fugimos dele a todo instante.

Vivemos tentando provar sermos dignos de uma eterna união.

Nossa carne às vezes é apenas placebo disfarçando uma
[romântica intenção.

Às vezes, é feita sabotagem emocional para que se obtenha
[uma carnal satisfação.

Mal me entendo e anseio a alheia compreensão.

Uma vez me apaixonei no metrô muito mais intensamente
[do que por uma vizinha que por muito tempo me beijou.

Apaixonamo-nos em corpos, projetando-lhes algo de bom.

Apaixonamo-nos por olhares;

ignoramos erros específicos para convenientemente poder
[definir alguém como perfeição.

Necessitamos de heróis e de distração.

Viver é-nos tão confuso;

produzimos chagas e exigimos alguma mágica solução.

O ato de escrever sobre o amor é um terreno desconhecido.

[Impreciso. Sai tudo do padrão, a poesia se deforma.

Viver e amar são sinônimos, são complementação.

Pode-se não amar pessoas, amar-se-á bichos de estimação.

Ninguém percorre sozinho o perigoso caminho da vida.
Uns fazem dos outros apenas eventos; outros eternizam
[consigo todo aquele que lhe arrancara ao menos um sorriso.
Ninguém sabe o que o outro realmente deseja; esse é o
[grande dilema, o conflito existencial.

Amei acreditando nas palavras de quem me chamava
[de especial.

Sem titubeio, apenas deram um ponto final.

Não sabemos em que confiar.

Duvidamos até de nós mesmos.

Creemos em tantos produtos vendidos sob a promessa de
[nos ajudar.

Venderam a fé por migalha. Um sino de ouro é luxúria.

Dispensaram Deus por dinheiro.

Religião eu dispenso, de religioso radical tenho um certo receio.

Não sou a voz da verdade, é-me obrigação respeitar variedade.

Cada um vive de um jeito e com suas verdades.

Não obstante, vejo muita contradição acontecendo por
[vaidade.

Posso opinar sobre tudo, então devo respeitar a mesma liberdade
[vinda do mundo.

Não se impõe nada sob ameaça, não se exige um riso após
[fazer graça.

A pior forma de censura é cercear a autenticidade.

Cada um que goste do que queira gostar e saiba que ninguém
[tem obrigação de concordar.

Não preciso de guia turístico para meu próprio rumo trilhar.

Nada há de errado em quem, porventura, venha a precisar.

Qualquer dia desses posso bem me modificar e passar a ser
[de um jeito outrora criticado.

Ninguém carrega consigo somente o dia de hoje; todo mundo
[é um amontoado de fatos.

O ato de se relacionar é um terreno desconhecido, impreciso,
[alivia e gera fardo.

Relacionamento amigável, amoroso ou apenas profissional;
tudo está sujeito a ser delicioso e terminar em lamaçal.

Uns preferem se adaptar à lama do que modificar a trama.

Uns desistem de imediato, outros se dispõem ao conserto.

Talvez a vida seja apenas um seriado, cada episódio é uma fase.

Já senti o drama narrado em novela, já contei piadas ao estilo
[de *Chaves*.

Já blasfemei contra Deus e depois pedi perdão.

Já ateei fogo em livros e depois fundei uma organização de
[proteção à literatura.

É confortável apontar o dedo e sentir-se dono do ideal
[comportamento.

Não existe o ideal, a felicidade não é um segredo.

Existem padrões e, simplesmente, posso ou não me encaixar.

Seria hipocrisia de minha parte maldizer padrões e tentar
[padronizar o mundo com alguma própria idiossincrasia.

Não quero que ninguém tenha em mim uma imagem para
[se espelhar.

Quero apenas poder ser eu mesmo, sem ameaça de alguém
[me cancelar.

Virou hábito condenar por subjetividade.

Meu repúdio é a comportamentos que podem uma
[vida estragar.

Famílias caem aos prantos por causa de atos desumanos.

Se pensarmos bem, até mesmo a irresponsabilidade emocional
[não é assim algo tão mau.

De todos os males, o menor é sofrer por amor.

Relação com cansaço, desprezo e violência não será nunca
[algo amável.

Coração partido gera poesia. Violação gera trauma, corrupção
[traz pobreza.

Se o mais grave problema de todos fosse a respeito do amor,
[o mundo seria uma beleza.

Não faltaria comida na mesa.

Coração partido causa poesia, propicia o uso de hipérbole.

Amar é nosso refúgio diante de tanta obrigação.

A um coração partido o tempo traz reconstrução.

À vítima de crime hediondo talvez não haja solução.

Eu não leria nenhum verso de amor se neles não houvesse
[linguagem com figuração.

Chorar ouvindo música romântica é uma distração.

O mundo por si só é muito cruel, precisamos de invenção.

Precisamos de arte, mas há também quem não precise.

Ler não significa nada. Não é por ter estante cheia que sou
[melhor do que alguém.

Ler mil páginas não qualifica a pessoa a nada. Ver mil filmes
[não significa nada.

Somos complexos, somos imensidão.

Não é um detalhe qualquer que nos dá definição.

Nem todo mundo lê, boa parcela desses jamais vai querer.

Um escritor só diz que nisso há problema se estiver desesperado
[para livros vender.

Vencer não é o fim de ninguém, a vida todo mundo vai perder.

O importante é o que fazemos, nosso legado.

Nosso legado pode ser megalomaniáco, conhecido por todos
[os lados do planeta, e, também, pode ser mais simples, um
[beijo roubado, um abraço apertado, uma frase de apoio,
[um momento agradável.

Geralmente somos o que a oportunidade permite.

Nem tudo é mérito, às vezes só sorte.

Longe de mim desejar um boicote a quem teve a sorte que
[de mim se ausentou.

A vida não é tão justa assim, isso não é pretexto para
[inveja e afins.

Na televisão há de tudo, talento e oportunismo.

Na internet, a fama aparece tanto para quem transmite
[sinceridade quanto para quem é puro cinismo.

Viver é meio que um jogo de dados sem regras concretas.

Podemos mudar uma coisa ou outra.

Tabuleiro repleto de formas.

Altera-se jogadas alterando-se normas.

Viver é um terreno desconhecido.

Dizemos que a experiência nos faria fazer tudo diferente,
[mas quando encaramos situações parecidas, agimos outra
[vez de modo imprudente.

Tudo pode ser aprendido.

Todo aprendizado pode ser deixado de lado quando o
[coração forte bater.

Somos imperfeitos longe da perfeição, porém perto
[da evolução.

Perceber-se existir não somente ao redor de si mesmo é a
[primeira lição.

Restos de mim sem ti

Sem ti sobra um traço inacabado de meu ser
A vida ser vivida vale nada sem você:
um resto indigesto deste meu amargo gosto.
A penumbra ganha vida; o que vejo é um sol fosco.

Respirei tanto de teu ar, não sei se te asfixiei ou pus-me
[a sufocar.

Sem ti não há milagres para eu testemunhar
o mar não mais se abre e não posso atravessar.
Descrente eu me torno – outrora, temente a Deus.
Para que o universo, se teus beijos não são meus?

Sem ti sou só mais um passante a lamentar.
Preciso de teu calor para me abençoar.
Contigo eu era alteza; sozinho, mero plebeu.
Meu passo tornou-se frágil ao estar longe do teu.

Éramos oxigênio, transformamo-nos em poluição.

Sem ti virei migalha desgarrada de poder,
criatura pequenina difícil até de se ver.
Encaro-me no espelho, vejo luto em meu rosto.
Eu mergulhava em você; hoje, nado no fundo do poço.

Coração traumatizado

Foste a causa das fotos sorridentes e da minha reabilitação.
Por ti me tornei confidente do padre em busca de perdão.
Houve em mim a intenção de ser eximido dos pecados
[de outrora.
Tolo apaixonado. Nada disso faz sentido agora.

Após trombar contigo eu compreendi o passado,
acreditei no destino dormindo ao teu lado.
Faziam sentido todos os caminhos até então trilhados;
eu achei que estava no paraíso, mas era o colo do Diabo.

Tornei-me eremita a impedir qualquer estrela de em meu
[céu adentrar.
Abandonei a capela, senti o peito vazio, desaprendi a rezar.
Por já ter sido desmantelado passei a ter sentidos aguçados:
fujo do amor como da polícia foge o marginalizado.

Minha trajetória foi armadilha a ocasionar um fim cruel.
Cometi o crime de te amar e eternizei-me como réu.
De todas as dores o amor causa a pior aos habitantes
[do planeta.
Outrora amei demais, agora eu fujo do amor como da cruz
[foge o capeta.

Coral nascendo de novo

E se eu passasse o resto de meus dias dizendo que te quero
ainda assim estaria dizendo pouco.

Para demonstrar a quantia exata seria preciso burlar a invejosa
[morte
e dobrar a estimativa de vida.

Aí, talvez assim, eu chegasse perto do necessário para esculpir
[o sentimento.

Aí, talvez assim, tu me percebesse trocando de pele como
[coral nascendo de novo
tentando deixar a sujeira de lado, não só por ti, por ambos.

E se eu passasse o resto de meus dias dizendo que te quero,
feliz eu teria vivido a vida.

E se eu me declarasse tanto quanto mereces,
às noites eu estaria rouco.

Proclamarei o meu amor de modo comedido só para não
[virar clichê.

Eu repetiria mil vezes a mesma frase, do despertar ao
[adormecer.

Olhando intensamente em teus olhos: eu amo você.

Apaixonante colisão

I
Achei que no mundo era eu,
ela e mais nada.
Refiro-me à primeira amada.
Enciumava-me até com o respirar daquela danada.
Mansinho eu ficava quando surpreendido por uma fungada
[no pescoço.
Somente ela trazia a paz para a guerra que ela causava.
Era dona de tudo.
Eu mesmo, de mim, tinha nada.
Ela era a hospedeira para o meu coração.
Era também parasita a controlar a pulsação.

Achei que no mundo era eu,
ela e mais nada.
Tornei-me perdido na estrada,
em viagem sem ela.
Desaprendi a respirar.
Deliberadamente, escravizei-me.
Por ela eu respirava.
Diziam que nossa intensidade era exagerada.
Eu discordava!

Mais um pouco e ela me asfixiava...
Era amor de um menino descobrindo o mundo
sem ter descoberto ainda que o mundo é gigante.
Era amor de um menino conhecendo a sensação
de pertencer a outro alguém
e de hospedar também.

Achei que no mundo era eu,
ela e mais nada.
Era amor de menino sem mapa nas mãos.
Guiado por rédeas, íntegra abdicação.
Não sei se transbordava amor ou faltava razão.

II

Um belo coração ofereceu-me seu calor.
Não sei descrevê-lo a não ser como “tentador”.
“Quem sabe seja agora que a hora romancista chegou! ”
Antes, uma inexperiente relação – traumatizante sabor!
Agora, este segundo caso de amor!
Soa tão libertador.
Oferece o que antes era proibido.
Dispõe-se a preencher as lacunas de meu ser.
O novo amor encanta por ser o oposto do anterior
Motivo exato pelo qual meu coração se descontrola.
Propostas indecentes, fora de hora.
Soa tão libertador.
Por um momento comparo os casos;
o antigo amor com o amor de agora.
Soa-me um tanto perverso comparar dois corações...
mas, confesso, faço isso.
Em qual das direções terei mais do que preciso?
Não me movo, perigosa bifurcação: pode haver flores, pode
[haver precipício.
Se retorno, já sei bem. Necrotério. Um amor falecido. Poderia
[ressuscitar?
Fica a questão no ar.
Não tomo nenhuma direção.
E deixando o coração, assim, à mercê dele mesmo,

todo sentimento que poderia ser semeado acaba
[virando gracejo.
Desponderado relógio, cruel engrenagem. Mil voltas o
[ponteiro deu.
Morreu a saudade do antigo amor; a coragem para um novo,
[desapareceu.

III

Tempo ingrato que me trouxera a mais cruel das sensações.
Para a dor de estar só no mundo não existem preleções.
É um teste inesperado que deixa o ator sem expressão.
É a questão mirabolante que faz o concursado começar
[uma oração.

É o espaço sem eixo. Satélite abandonado. Missão espacial.
Penosamente sobrevivi às intempéries da solidão.
Retornei à Terra sem carinhosa recepção – muitos vídeos
[reais parecem-me ficção.

Conheci ao acaso uma criatura digna de dó.
Semelhante a mim. Pobre flagelada alma só.
Unimo-nos por conveniência.
O amor floresceu pela convivência.
Talvez chamar de “amor” seja insistência.
Não sei bem analisar.
O que posso concluir é que a ambos parece a decisão com
[mais prudência.

E vejo tantos amores loucos.
Lembro-me da juventude.
Tem horas que bate uma saudade de morrer de amar.
Afastarei a nostalgia para poder finalizar:
para dois apaixonados é tenro dar cambalhota;
para quem teme o amor, o coração é anedota.

Horizonte iluminado

É mágico a gente perto.
O futuro deixa de ser incerto.

Encontramo-nos assim, por acaso,
daqueles acasos em que sobra destino.

Beijamo-nos, fiquei sem ar;
beijo criminoso fez-me refém.

Vi cores num quarto escuro.
Ter-te nele: meu porto seguro.

A insônia foi-se para bem longe;
grudadinho em ti durmo feito neném.

É magia esse nosso lance,
meu sorriso em fácil alcance.

Criaremos um *big bang*.
Horizonte iluminado.
Trilhá-lo-emos.

É teu, meu preferido verso.
Corpo celeste,
ritmo transcendental.

Amei amar-te

Amei amar-te.

Falta-me tal paz.

Amamo-nos de modo incapaz para nos amarmos por toda
[a eternidade.

Amor morto é risco ao juízo.

Quase pulei de um precipício.

Viramos meros sonetos banais.

Éramos sinfonia,

demos passos irracionais.

Éramos tanto, tornamo-nos pouquíssimo.

Escolhemos caminhos fatais.

Nino meu coração esperando que o maldito me peça perdão.

De tantos trilhos, optei pela pior opção.

Descarrilhamos e o incidente ainda me devora.

O passado, posso muito bem jogar fora;

a consequência, entretanto, jamais irá embora.

Amei amar-te,

mas o amor virou caos.

Nossa trilha sonora se tornou cacofonia.

Por muito tempo insisti em viver sob desastrosa melodia.

Precisei quase morrer para me libertar de nossa elegia.

Refém de uma sádica

Fica-me faltando o ar,
torna-se complicado dormir.
Em ti me ponho a pensar,
por fugazes instantes estou a sorrir.
Acalentara o meu coração e depois surgiste com um bisturi.

Tua voz não sei bem se quero ouvir,
minh'alma começa a gritar:
"Socorro! Alguém a tire daqui!"
Mataste meu coração, mas faze-lo bombear.

Por que não te calas e deixa-me em frente caminhar?
Tu não decides para onde vai e me impede de horizonte novo
[descobrir.]
O corte que deras em meu coração estava prestes a cicatrizar,
mas apareceste outra vez e ele voltou a se abrir.

És veneno cujo gosto é-me difícil esquecer.
Fica-me faltando o ar, minh'alma começa a gritar.
Com convicção decido que irei embora.
Tu sufocas, acalentas, me recompõe e me esquarteja.
Quando chegas perto esvai-se de mim qualquer certeza.

Fenda em nosso espaço

Não fosse o vazio que sei existir por trás de suas palavras
minha alma, repleta de brio, percorreria o horizonte.
Saltando como criança – faria do mundo chuveiro, viveria
[cantando.

Maré tranquila banhada em caos, difícil decifrar.
Em tuas águas me afoguei. Tão racional eu me afastar!
Teu relato de saudade faz minha razão dissipar.

Reaproximamo-nos e redescubro razões para repelir-me de
[ti novamente.
Penoso me é rasgar as canções – tentei um bocado encerrar
[a nossa trilha sonora.
Quando, meu Deus, de minha cabeça, essa pessoa irá embora?

Sei só que tu és inconstante: já me fez amado, já me
[deixou de lado,
já foi minha construção, já foi minha demolição.
Um filho, a nós, já chegou a desejar; já abortou nosso amor
[sem duas vezes pensar.

Sem você, predadora, minha cama se torna uma armadilha.
Dormir tornou-se utopia: deito, fico devaneando.
Traíçoeiro o meu travesseiro: tento dormir, ele me traz
[teu cheiro.

Não fosse o vazio que sei existir por trás de suas palavras,
Banhar-me-ia em teu rio de caos sem nem titubear.
O cruel é não poder afirmar até quando livre da tentação eu
[vou estar.

A pior condenação

Apodreci por inteiro regando teu amor inexistente,
esquecendo-me de mim.

Percebi meio tarde ser adicto fiel;
soldado desarmado no quartel.

Teu complexo jogo manipula corações pouco preparados
fazendo-os aderirem à guerra.

Assistes de camarote às vítimas da morte
de tua engenhosa psicopatia.

Escolhes os cordeiros, ronda-os almejando estudar;
descobre pontos fracos, seduz, atira.

Ama mansinho primeiro:
palavras belíssimas para encantar.

Lobo fingindo ser cordeiro.

Compráramos um lote,
ao nosso amor desejei sorte.

Planejei o futuro plantar;
percebi-me semeando só.

Neguei teu partir. Insisti: "sei que logo voltarás! "

A certeza dissipou-se.

Levou um tempo absurdo até a verdade eu aceitar:
manter-nos com vida fez-me moribundo.

Nossa flagelada plantação, desenraizei.

Decorei-a com caixão; nosso futuro, enterrei.

Pretendi seguir adiante, mui me frustrei.

Bastaram alguns dias, mui me frustrei.

Percebi que desaprendi a viver sem ti.



Apodreci por inteiro, corpo, mente, alma e tudo mais.
Apodreci, negando a inexistência de teu amor.
Amar sem ser amado: pior condenação.

Dê-me mais três pontos.
Socorra-me outra vez.
Suture minha hemorragia.



Um ponto em meus cortes,
um para minha tolice,
um para minha falta de sorte.

Assemelho-me a um fraco verme rastejante.
Desejo uma ruptura a meu passado.
Desejo-a como à liberdade um condenado.



Gracioso ser-me-ia cair ao passado um breu.
Tornar-se-iam, os erros do passado, nulos.
Tornei-me larva incapaz de romper o casulo.

E meu maldito coração acelera,
bombeando mais lamentações do que se espera
– do que se pode suportar.

Injúrias transformam, dão asas ou derrubam.
O passado é um carrasco do qual não sei me desvencilhar.
Um amor morto mata o tolo insistente aos poucos.



Percebo que sou tolo. Te enterro. “Não mais quero!”
Mas sempre vou lá e te rego na vil esperança de que brotes
[de novo.

Rimas de um corpo inerte

I

Acabou a poesia
que havia
dentro de mim.

São teus olhos
já distantes
a anunciar o fim.

Falta um beijo.
Tua boca
esquentando-se em mim.

De todas as dores
cruel mesmo
perceber o nosso fim.

II

Saudade que arde meu peito
me deixa sem jeito
me rouba o ar.

Saudade bastante nefasta
me nocauteia,
parece fumaça.
Monóxido de carbono
me impedindo de respirar.



Saudade – daquelas cruéis.

Viro farelo

desaprendo andar.

Ganho insônia,

durmo tarde,

lamento ao despertar.

Saudade que rouba minha inspiração,

não deixa nadinha sobrando.

Eu fico querendo sumir.



Saudade deveras potente,

quase nuclear.

Arma letal

por pouco

não resulta em

meu funeral.



Direção desgovernada

Talvez não tenha dado certo
minha tentativa em criar-te um verso
dado que estás tão perto
da bendita perfeição.

Certamente não trilhei por caminhos corretos:
Cometi erros tolos. Questionei-me, inquieto.
Sujei-me de lama por afeto e vivi degradante união.

Não falei a língua dos anjos;
talvez esses falem um idioma
que sou incapaz de dominar.

Desgovernou-se nossa rotação.
Talvez se esvaiu qualquer chance de salvação.
Talvez nosso amor perdeu a crença
e não adiante eu me curvar.

Batimentos cardíacos

É poético o ciclo de um coração apaixonado.

Ao entregar-se pela primeira vez, tem-se um coração

[acelerado.

Bombeará energético até cair em coma.

Os batimentos se tornam pacatos,

muitas vezes novamente seu hospedeiro será internado.

São tantas relações superficiais disfarçadas de eternidade.

O coração fica confuso, começa a crer que nada é verdade.

Amamos meio sem querer.

Cardiograma nenhum nos fará entender

sentimento cardíaco que dá vida e que faz morrer.

A interpretação dos sonhos

Chorei sonhando,
pareceu de verdade.
Não obstante, o motivo era trivial.
Mas, então, acordei.
No relógio olhei,
notei que estava dormindo havia muito tempo.
Meu corpo por pouco de fome não morre.
Agora eu sei:
sonhar é espécie de homeostase.
Por isso, quando durmo, te vejo:
para matar a saudade.
(Nos sonhos não há vaidade!)

O mundo de todo mundo

Engraçado como são as milhas do mundo,
todo mundo procurando a mesma coisa:
um caminho mais apropriado,
mil desejos diferentes para cada coração que palpita.
No fim das contas,
todo planeta só quer ser habitado, todo peito aberto quer
[ser restaurado,
toda estrela anseia ser descoberta para enfim poder brilhar.

Todos batendo as asas
para longe,
onde não mais se vê.
Um rumo certo?
Artigo de luxo.
Felizardo quem possa ter.

Todo mundo um tanto anormal.
Um tanto normal ser um bocado irracional.
Irracional é ser deveras emotivo
e crer
que chegar-se-á inteiro
ao final.

Todo mundo querendo incessantemente
encontrar alguma solução.
Ao redor do mundo mil crenças,
todas elas uma salvação.

Uns creem no divino,
devotos de um salvador.

Outros perderam a fé,
focam-se numa outra questão:
colocam como resposta o amor.
Amor sem jeito, amor atrevido;
seja amor de amigo, seja amor só libido.

Herético ou crente,
todo mundo um tanto quanto que doente
à procura de um tal certo tipo de remédio.
Apaixonado ou desiludido,
todo anjo um tanto quanto que caído
à procura de um tal certo tipo de abrigo.

Sob trajes de astronauta

Já fui astronauta
dentro aqui da minha mente
– meu crânio de capacete!
Sob os trajes já ousei bastante viajar.
la para longe. Outro planeta.
Aqui na Terra anda tudo confuso.
Sobra-me desejo de planar.
Vivem desmedida ortodoxia,
recreminam quem tenta voar.
A liberdade é tão exaltada
e simultaneamente tão temida.
Que farão sozinhos, com asas?
No mundo ninguém voa só.
Em minhas viagens interestelares,
levava comigo a amada.
Perpetuávamos no Éden.
Afinal, que seria da vida sem o malvisto pecado?
Quero apenas dizer que em meus devaneios como astronauta
há um planeta em que só o que inexistente é maldade.
Transborda-se afeto.
E quanto a essa maldade?
Descrevê-la-ei:
A maldade é a sujeira do ambiente.
A maldade exausta a convivência da gente.
A maldade é o motivo pelo qual os humanos conjecturaram
[morar em Marte.

Bolha nossa de cada dia

Há uma bolha ao meu redor que faz-me sentir tão bem.

Bolha minha de cada dia, me dê proteção.

Afaste de mim os diferentes.

Que seja feita minha vontade, assim na terra como no céu.

Bolha minha de cada dia, cobre deles dívidas e deixe-me

[dever sem cobrança.

Minha bolha me protege de culpa,

justificativa pronta tenho para caso eu caia em tentação.

Minha bolha é minha purificação.

Culparei os outros de tudo sem receber sentença

[nenhuma por isso

e, se alguém me culpar, essa criatura merece mil anos

[de reclusão.

Minha bolha dá-me o direito de julgar e condenar.

Minha bolha me capacita a apontar dedos.

Minha bolha é um receptáculo de ódio disfarçado de beijo.

Às vezes um ser humano é classificado como mau

e você passa a enxergá-lo dessa forma sem nem conhecê-lo.

Muitas vezes você vê maldade em uma pessoa,

mas na verdade enxerga isso só porque fizeram com que

enxergasse assim.



*Às vezes um ser humano é classificado como mau,
e você passa a enxergar ele dessa forma sem nem
conhecê-lo.*

*Muitas vezes você vê maldade em uma pessoa,
mas na verdade enxerga isso só porque fizeram com que
enxergasse assim.*

PARTE III
À MERCÊ DE SI MESMO



Suicídio

Cortei os pulsos na intenção de apagar o passado.

Não planejei a morte.

Foi-me falta de sorte a hemorragia fatal.

Em minhas fantasias abririam a porta,
conduzir-me-iam ao hospital.

Não seria meu ponto final.

Enforquei-me procurando respostas às desordens.

São tantas perguntas consumindo o homem.

Sinto-me parasita de mim mesmo,
hospedeiro assassinando o hóspede.

Resolvi assassinar-me em um único momento
para não ser assassinado por mim o tempo inteiro.

Com traqueias pressionadas, torci para a corda romper.

Tomei a poção da morte almejando que falhasse o veneno.

Tão bom seria se encontrassem meu corpo com vida no chão,
quase inerte, preparado para ser socorrido e intensamente

[amado.

Joguei-me do terraço ansiando um abraço.

Inalei a fumaça tentando esquecer a desgraça do passado.

Meus suicídios teriam sido bem-sucedidos se falhassem.

Flerto com a morte, desejando viver.

Só quero enterrar a história e me reescrever.

Reescrever-se

Viver é se reescrever inúmeras vezes.
É tanta tinta em minha pele; vejo-a sangrar.

Escrevi com diversas tintas, esbocei mais de mil sonhos.
Algumas páginas mofaram.

Pulei do capítulo 1 ao 10 e tropecei no roteiro.
Detalhes passaram despercebidos.

Ateei fogo em minhas capas por causa de frustração.
Rasguei-me de cima a baixo: minha forma de oração.

Escrevi frases alegres com a vermelhidão de minha sangria.
Disfarcei meu caos em uma doce poesia.

Vivo e me reescrevo inúmeras vezes.
Repito erros ortográficos, repito velhas heresias.

Todo adulto é um garoto desesperado.
Todo adulto é um garoto mofado.

Escrevi com diversas tintas e ainda não encontrei a certa.
Ainda sou apenas um rascunho em fase de revisão.

Livros que nunca serão lidos

Não sei o que somos
Da vida sei nada
Gosto de fingir saber

Pudera eu me eternizar
Ler todos os livros
Ser algo além de clichê

Minha estante transborda
Faltar-me-á tempo
Quem dera em caixão pudéssemos ler!

A náusea

A náusea de nós mesmos
obriga-nos
a recorrer
à arte.

Tentativas

Fiz uma ou duas escolhas erradas
visando cem ou mil possibilidades de acerto.

Usei mais palavras que devia,
tentando rimar,
e não cheguei nem perto.
Digo, me aproximei um pouco.
Afirmar assim fica mais correto.

Se o erro é o caminho à perfeição,
logo mais estarei certo.

Vazio de mim

Perco-me no vazio de mim mesmo esperando ser preenchido
[com algo que desconheço.

Basta estar sufocado para valorizar o ar – hoje lhe demonstro
[tanto apreço!

Necessito do oxigênio de um lugar desconhecido.

Minha via respiratória nada mais faz, há somente gás carbônico
[a maltratar meu coração.

Lembro tanto de tudo.

As memórias se tornaram um lamento profundo e, revisando-as,
[prontamente pereço.

As aventuras de antes não fazem mais sentido.

Até que nos percamos, é fácil achar que sabemos de tudo.

Ninguém acha que um dia estará perdido

Quando penso no ausente, em todas as ruas caminhadas e
[naquele meu sorriso inocente,

percebo a diferença entre amar e se acomodar – fardo de
[adulto formado, indiferente.

Acabar-se-á essa falta que o tempo traz?

Acaba-se o meu vocabulário quando me lembro da intensidade
[do amor em idade juvenil.

Falta tudo novamente; falta-me uma mente renovada.

Tornou-se difícil de um futuro bom ser crente.

Na mente do escritor sobra de tudo um pouco, para o bem
[ou para o mal.

Ser cético de mim mesmo é um fardo tão penoso.

É como suicídio discreto; em estado de coma, porém fora
[do hospital.

Criação da criatura

Meus versos criam o inverso do que vivo nesta vida:
um jardim de vívidas flores, só amores, sem perecer.
Viver em uma página tranquiliza o inquieto ser.

A poesia sou eu me colocando no lugar do outro
escrevendo sobre todos e não só sobre mim.
Somos escrituras sagradas, demônios e querubins.

Sou intertextualidade, sentenças em segunda instância;
sou de origem desconhecida – terá sido um santo Deus ou um
[bondoso alienígena?
Metalinguagem da eternidade, carrego traços dos pais e dá-los-ei
[a quem provir.

Fui produzido em um acaso e reproduzo de meus progenitores
[milhões de fatos.
Semelhantes tolices, sinais pelo corpo; os mesmos percalços.
A procriação é um ciclo vicioso da gente em um corpo diferente.

Os textos são torniquetes ao escritor; vômitos de alma
[incomodada
– tal qual a ambivalência entre amor e dor, é-lhe de praxe o odor
[pútrido das palavras. A náusea de nós mesmos obriga-nos a
[recorrer à arte.

Palavras doces escondem a sangria, disfarçam a insatisfação
[com a vida.
As rimas tiram o foco da perfurada artéria.

Escrever é um faz de conta de que se é mais do que temporária
[matéria.

Escrever é perpetuar-se. Que haja luz! Orgasmo. Espasmo
[cerebral.

Posteridade. Um livro. Um filho.

Um grito de socorro

Qualquer obra de arte de um ser qualquer
não é muito além do que sua alma
gritando bem alto
tudo aquilo que quer:
valorização,
afago, perdão,
um tantinho de cafuné.
É um grito de socorro inaudível a quem não se atenta.

Independentemente do resultado obtido com a produção
da travessura que um artista qualquer criara
por trás de todas as minúcias,
há um grande significado.
Encontrar-se-á
diferentes cores
tonalidades de esperança e temores;
resquícios de crenças, traumas e amores.

Estrela cadente

Escrevo para fugir de mim mesmo.
O que escrevo não são só versos.
Minha arte é um grito de socorro,
um grito de socorro que sonha em ser ouvido.

Escrevo para fugir de mim mesmo,
reconheço-me grande sujeira.
A arte é a maneira do real ser alterado.
Nos versos, sou livre; literalmente sou, de mim mesmo,
[refugiado.]

Cada trecho poético é um pedaço d'alma fragmentada.
Frases rebeldes apaziguar-se-iam se envoltas num abraço,
estrofes confusas simbolizam um artista cansado.
Tantas vezes fiz do mundo um perigoso vilão,
almejei esconder o fato de que foram meus atos
os responsáveis por cada dolorosa punição.
Minha arte é um grito de socorro.
Destruído, minha arte mantém-me sobrevivente.
Mando sinais às outras estrelas,
quem sabe possam decifrar-me
reluzindo,
decadente.

O martírio no cotidiano – grafia de mim

Sobre mim escrevo e pouca coisa presta;
traços em preto e branco
versos soltos, sem sentido.

Frases intrigantes, provocativas,
preencho a folha com um tantinho de tudo;
tantinho perverso
doído, perdido.

Indefinível o que passo à folha.

No espelho, vejo só indefinição.

Quando deito, na mente há indefinição.

Acordo, recordo a indefinição.

Grafite imprestável, só indefinição.

Repetição diária,
maldita repetição.

O mártir do cotidiano.

Mentecapt'alma

Vida cruelíssima vai-se embora,
dá lugar à imaginação.
Surge um lugar acolhedor,
papelão vira mansão.

Ao dia demasiadamente assustador
uma alma bagunceira é arma letal.
Seriidade colossal aniquila o sonhador.
Sobrevive o insano: tudo enxerga com humor.

Vida cruelíssima vai-se embora,
deixei de ser o meu vilão.
Permiti-me rir de mim mesmo.
Todos somos anedotas, aprendi a lição.

Não vejo minhas lágrimas me inundando,
vejo meus olhos tomando um banho.
Não vejo minhas cicatrizes como péssimas memórias.
Vejo meu corpo se tatuando.

Idade da Pedra

Seria eu, eu mesmo, vivesse a Idade da Pedra?

Autor de poesia em parede de caverna?

Da Idade Antiga, um cuneiforme poeta?

Seria eu, eu mesmo, vivesse a Idade da Pedra?

Quiçá não preocupar-me-ia com escolhas incorretas.

Eu seria mais sábio sem essa racionalização indigesta.

Preocupo-me com tanto a respeito de tudo.

Fosse o mundo mais enxuto, menos chances de eu me perder.

Libertado o escritor, mil cosmos na mente põem-se a nascer.

Seria eu, eu mesmo, vivesse a Idade da Pedra?

Concluí, por fim, que não. Seria menos confusão.

Eu seria só poeira cósmica. Pedacinho minúsculo de toda a

[constelação.

Hoje em dia ainda sou, mas vivo tentando negar essa científica

[constatação.

Inclusão digital

A internet me fez questionar uma coisa que antes não
[questionaria:
quão grande sou? Um antigo doutor hoje transeunte anônimo
[seria.
Filósofo da Grécia, vivesse hoje, por inscritos suplicaria.
Compositor doutro século, compusesse hoje, ostracismo
[viveria.

Muita sorte tiveram os que por aqui passaram antes da inclusão
[digital.
Peixes não mais nadam, vão com a corrente, creem no dito em
[rede social.
Passarinho não voa, pouca na proa, lera a trágica notícia de um
[voo fatal.
Compartilha-se muito, aprende-se pouco. Aprendais, público,
[amar é normal.
Tanto trauma se vê, tanto ódio também; bem poderiam
[tratar-se igual!

Disseminam ideias tão perigosas, balsâmico seria só falassem
[de rosas.
Perfis semelhantes seriam amantes houvesse do público aval.
Copia-se muito, cria-se pouco. Bendito seja aquele plagiado
[por alma chorosa.
Ao artista o pior veneno é colar dizeres de outro em seu
[próprio mural.

Realidade virtual

Quão reconfortante fugir da realidade mesmo que só por
[breves instantes!

Na vida real posso bem pouco...
entretanto, conjeturo tantas alternativas.
Relatasse tudo que tenho em mente,
diagnosticar-me-iam louco.

Constante progresso tecnológico, permite ao soturno ser
[passarinho cantante.

Indigente qualquer pode ser bom amante.
Figurante desfocado torna-se protagonista.
Um artista no jogo, na vida é só mais um jogador.
Quão grande a dor de precisar reconhecer-se.

Quão reconfortante fugir da realidade mesmo que só por
[breves instantes!

Sóbrio, me noto perdido;
fragmento do espaço.
Já fui paralelo, já fui eixo, já fui embora.
Esmola pedi, esmola dei, esmola virei.

Constante progresso tecnológico, permite ao soturno ser
[passarinho cantante.

Objetos de luxo se tornam compráveis.
Futuro ilusório ou futuro amigo?

Inigualáveis os momentos dentro de nossa mente.
Deus em realidade virtual, ante a vida, impotente.

Confissão por escrito

Escrevo em forma de confissão: faltam-me palavras; há
[excesso de perturbação.

Minha mente sentencia a culpa,
os deslizos não mudam.

Repito erros ortográficos.

Prometo a mim um texto diferente.

Escrevo mil vezes, falho.

Faltam-me as sílabas certas,

a rima se torna perversa,

fadiguei-me de tudo que crio.

Tentei criar um estilo.

Reli meus escritos, sufocaram-me seus gritos.

Acentos nas letras erradas, narrativa desconectada, órbita
[desalinhada.

Recito-me procurando algum erro,

frustro-me: são poucos acertos.

E a mudança que tanto faz falta não consigo alcançar de
[modo algum.

Nenhum ato será mais bem-visto,
notei-me equivocado, algo previsto.

As linhas se entortam enquanto nelas percorro;
minha arte parece eutimia, mas é pedido de socorro.

Olho para o alto, sumiu o infinito.

Horizonte em breu, sinto-me absorvido.

Supernova em degradação... o culpado sou eu!

Sujei-me sem querer, as mãos ensanguentadas,
a folha inundada; meu lamento não cessa.

Escrevo para dizer

que, quando me leio,

o que leio não presta.

Vestígios de antigo artista

Um quadro por mim pintado enfeitando a sala de estar
Um personagem inapropriado que ainda sonha voar
A tinta outrora fresca noto que anda a desbotar
A cor já não tem brilho e penosamente atrai algum olhar
No pobre artista bate uma saudade nada fácil de suportar
No pobre artista restou pouco que o inspire a artear
Meu rabisco corre o risco de não mais me encantar
Meu momento inspirado se afasta sem parar
O espelho só me mostra aquilo que penosamente vivo

[a recusar:

Aos pouquinhos o mártir de não poder nem rimar
me consome por completo – é como a morte a me encarar.

Pobre poeta herege

Pobre herege!

Até mesmo o Diabo já tentou recitar um poema.

Poetizar sem normas.

E o que direi sobre regras de linguagem?

Serão malvistos meus neologismos?

Serei expulso do paraíso caso invente novas formas?

E se eu repetir algo que já disse?

Dir-me-ão se tratar de pura meninice!

E se eu repetir?

E se eu repetir esse meu repetir?

E se eu insistir neste meu insistir?

Um anjo caído a tentar fazer Deus o ouvir.

Poesia sem padrão, maré sem destino certo,

vejo o céu se afastando de mim e o inferno chegando perto.

Abnego minha selvagem natureza e vivo a imprudência

[da reflexão.

Os detalhes enfraquecem o tom da celebração.

Predestinado a falhar, vale o que, a salvação?

Às vezes sinto que o Criador me fez pecador para oferecer-me

[o perdão.

Egocêntrica enaltação!

Eis aí mais uma culpa que mencionarei na próxima oração.

Disfarces

Sei bem tudo aquilo que não sei.

Apenas disfarço tentando assumir a persona de um outro
[alguém.

Mal desconfio que assim faço tudo errado,
carcaça de anjo escondendo o Diabo.

Eu faria o meu melhor para mudar.

Euforia se um dia os medos dissipassem.

Não sei onde encontro tudo que preciso:
o caminho mais fácil para o paraíso.

Persisto teimando por aí procurando algum atalho.

Outrora eu caí por isso – tornei-me frangalhos.

Parece que não aprendi nada sobre amadurecer;
quero o sol sem antes o anoitecer.

Sei bem tudo aquilo que não sei.

Acho que não sei lidar com isso,

não sei onde encontro tudo que preciso:
saber me afastar de um alto precipício.

Sonhando

Certa vez andei desconfiado
daquilo que era capaz de fazer.
Sendo assim não fiz muita coisa;
fiquei esperando deitado,
rolei de um lado para o outro,
sonhei que tudo fazia
e nada ousava temer.
Acordei bem decepcionado.
Que chato viver acordado!
Mas se os olhos teimam e ficam abertos,
notei que posso caminhar para perto
daquilo que tanto desejo.
Revejo todos os meus erros;
tiveram por base o meu medo
e tudo que quero é ser livre.
Quem dera soltar as correntes
que a vida me deu de presente;
passado o período difícil
adaptei-me ao mundo gelado.
Deitei e não mais senti frio.
Sonhei que estava acordado,
dei-me um pouquinho de crédito,
personifiquei inocente criança,
percorri por caminhos sombrios
e notei ser a luz que faltava.
Falava a mim mesmo : “desista”.
Mas desisti de viver preocupado.
Preocupei-me ao me perceber parado,



foi um choque que me despertou.
Chocou-se a realidade em mim,
reconheço o lugar onde estou,
desconheço onde estar gostaria.
Aprendi que lamentar nunca ajudou,
então usei trajes de alguém que lutou.
Golpeei o inimigo covarde,
nem o deixei criar um alarde.
Transformei-me em indivíduo de brio,
indivíduo cheio de confiança.
Confiei em mim mesmo e alcancei tudo aquilo que almejei.
Transtornei-me minutos depois:
sonhava que estava acordado.
Acordei!

Autênticas cores

E caso não se enquadre
naquilo que consideram ideal,
faça um quadro
com suas próprias cores.

Mal sabes o tanto
de brilho que tens.
A beleza de tua arte
independe da opinião de alguém.

Escreva um roteiro
produza então teu longa-metragem;
esqueça as críticas,
cuide bem dos personagens.

Derrube mesmo a tinta
sem medo de se sujar;
estar sujo é um bom pretexto para poder se limpar.
Tolo quem achar-se limpo e se vangloriar.

Não viva como um incompreendido diabo,
no inferno todos têm um pouco de querubim.
É fácil aconselhar.
Difícil é o turbilhão dentro de mim.

O nada; a sentença

Defrontei o espelho.
Espantou-me
o rosto vislumbrado
– totalmente desconhecido.
Olhos outrora castanhos
num breu absorvidos.
Restou-me um sorriso desfalecido,
tentar reemitir
o de antes,
o vivo.
Parece castigo,
pois resulta-se o fracasso.
Os lábios corcovam-se para baixo.

Defrontei o espelho.
Sussurrou-me, o passado,
no ouvido.
Trouxe-me saudade
de tudo
perdido pelo caminho.
Arqueei a sobancelha;
sobre aleatoriedades pus-me a divagar.

Viver é se adaptar
à multidão
e saber sossegar-se
na solidão.
Não sei bem qual é meu saldo,

sei apenas deste espelho
e o quão está transformado.
Malfadado o meu ser,
descreviam-me abençoado.
Quem dera se fossem sábios!
Tal sorte não tive,
tolos de plantão!
O que lhes saiu dos lábios...
...tudo ilusão.

Aproxima-se a ventania.
Inerte, o meu corpo
será carregado
do nada ao nada;
só mudará o cenário,
outro ambiente vazio
e eu, aos pedaços.
Talvez Deus tenha errado,
a pena caiu sobre nós
– a viver, condenados.

Introspecção

Não sei se estou certo,
tampouco sei se estou errado para ter direito à confissão.
Confesso ter lido minhas antigas poesias e sentido confusão.
Já não sei mais quem eu era e não sei dizer quem quero ser.

Hoje à tarde ri duma piada que outrora não tinha graça.
Evoluí ou fui deglutido pelas traças?
O outrora crente, não vejo mais sentido na palavra herético.
O outrora analfabeto, certas quedas fizeram meu luto ser poético.

Não sei bem onde estou,
tampouco posso afirmar que estou onde gostaria de estar.
Seria coerente daqui reclamar sem saber como seria em
[outro lugar?
Seria coerente afirmar quais os passos certos para outro par
[de pernas dar?

Hoje à tarde o sol não foi quente como de costume.
Faz sentido eu protestar com o destino por ter segurado a
[faca pelo gume?
Esperei tanto dos outros sendo eu mesmo o apressado.
Procurei a salvação em outros mundos – justamente por isso
[o meu foi condenado.

Não sei bem aonde vou,
tampouco sei se terei forças para me deslocar.
Convicto estou de que, reconhecendo os erros, restituir-me-ei.
Seja lá o tempo que me resta, meu ser transbordará.

Servindo-me poesia

Era uma vez um servo
que, cansado de ser servo,
armou-se da grafia
e iniciou uma poesia.

Novíssimo arsenal,
campo lexical,
inocência de garoto,
valentia colossal.

Virou exemplar arteiro,
sobre tudo poetizou.
Detalhou o dia do riso,
riu do dia em que chorou.

Era uma vez um servo.
Triunfante, se libertou.
Expurgou-se, virou verso.
De si mesmo, tão imerso!

Tudo que foi

I

E lá se foram os capítulos,
foi-se o tempo, o amor foi também.

Fui detalhista cirúrgico,
artista incompleto.

Réu de si mesmo e de seu limítrofe léxico.

Palavras morreram na maca.

Espero, contudo, perpetuar minha existência entre capa e
[contracapa.

II

De tudo que se foi, foi-se também tudo de ruim.

Foi-se o eu, tolo enfermo, conheci um novo de mim.

De tudo que se foi, sou grato que tenha ido.

Percebi que o vir e ir não é assim tão inimigo,

percebi-me gota de tinta em tela celestial;

partícula peculiar; neologismo em campo lexical.

Nasci sendo uma letra, criei outras, formei frases.

A grafia foi crescendo, textos diversos, tantas fases.

De tudo que se foi, restou aqui metamorfose;

meu ciclo de vida foi um derivado literário de mitose.

Talvez ainda seja muito cedo

Talvez ainda seja muito cedo
para dizer a si mesmo
que passou tempo demais.

Talvez ainda seja muito cedo
para dizer a si mesmo
que já é tarde demais.

Talvez ainda seja muito cedo
para temer o futuro
e não aprender olhando para trás.

Talvez ainda seja muito cedo
para num desesperado impulso
convidar-se a sete palmos com um corte no pulso.

Talvez ainda seja muito cedo
para, por medo, virar ermitão;
fugir da civilização, mergulhar em solidão.

Talvez ainda seja muito cedo
para finalizar esta poesia.
À minh'alma resta apenas caprichar na pontuação...

Exposição

Carne com prazo de validade.

Indigesta vaidade.

Incontrolável gravidade

puxando-nos à cova.

Quanto tempo resta para repararmos o tempo desperdiçado?

Quanto roubou-nos a saudade?

Esqueci-me nalgum canto e nunca mais encontrei.

Morta a criança, sob o castigo de ser adulto me notei.

Resta um copo vazio, uma cadeira torta, a cama desarrumada
[e pó no armário.

Restam tarefas triviais; restam, cada vez mais, somente os
[sonhos banais.

Sonhava em conquistar o espaço, o espaço se tornou o mundo.

O mundo se tornou país, o país virou um pão francês diário.

Nosso pacote de esperança é inversamente proporcional ao
[avanço da idade.

Flertando com o surto, só resta a discreta saudade.

Benditos olhos teus, encontraram-se com os meus e
[prontificaram o inesquecível.

Recíproca efêmera, ilusão à vida.

Amores surgem para distrairmo-nos da solidão do existir.

Amar é tentar se afastar de si mesmo e se encontrar.

Amar é abdicar da própria podridão e garantir um ramo de
[flores dentro da cova.

Se soubessem quão enfraquecido bate o coração do carteiro,
[esperariam à porta.

Aprendizado

I

Temos a tola mania de achar que faríamos melhor do que fazem
se estivéssemos no lugar deles.

II

Aprendi que um dos maiores erros
é definir algo na pressa.

Aprendi que nem todo preto e branco é tristeza
e nem todo arco-íris é festa.

Aprendi que nem todo choro é dor
e que algumas lágrimas não são de verdade.

Aprendi que nem toda dança é júbilo
e que nem todo grito é dado por maldade.

Aprendi muitas coisas,
de certo mais que cem.

Aprendi que o Diabo tem lá suas razões;
aprendi que os anjos pecam também.

Aprendi que o castigo existe
e às vezes faz muito bem.

Aprendi que é natural falhar
num dia aqui, noutra acolá.

Aprendi muito com o amor
e, da mesma forma,
aprendi muito com o sofrer.
Aprendi que em certas horas
não há mais forças para crer



e aprendi que é imprescindível saber reconhecer
as fraquezas, os fracassos,
a pequenez de nosso poder.

III

Aprendi que sou migalha,
mas migalha de valor.



Universo tão enorme
tal qual é o meu calor.

Calor por novos horizontes
e por uma vertical multicolor.

Arte do solo ao céu
em deserto produzirei mel.

Migalhinha sonhadora
almeja muito e sem pudor.

De perseverança não sou mais mestre;
tropecei tanto: virei doutor.



Cosmos

Já vi meu ser à mercê dele mesmo e mais nada.
A arte inerte, a criatividade esgotada.
O rastejar no chão como única opção.

Uma pane na aorta,
vasta imensidão; poeira intergaláctica.
Linha reta, caligrafia torta; apoteose inversa, uma reza de
[desilusão.

Evito o café, ando sem sono.
Dormir é fetiche,
amo as vidas que tenho nos sonhos.

Na mente a gente pode de tudo.
É tão diferente
na vida real, nesse frio taciturno.

Gravidade agressiva. Desumanidade, fonte da depressão.
Puxam-me para baixo, me inferiorizam,
oferecem um antídoto ideológico fantasiado de solução.

Julgar é um comportamento profano;
um ser incompreendido
pode ter sido vítima de um ato desumano.

O tempo. Totalmente insano.
Há minutos que duram por anos.
Frações de segundos podem mudar tantos planos.

Criarei um verso, meu manifesto.

Pedido de ajuda. Sem poesia, simplesmente morro.

Faço rimas doces, vivo o inverso, rosto salgado – lacrimejar
[não é-me nada novo!

A humanidade orbita temendo romances, aproximações.

Não há medo sem motivos.

Estamos acostumados com traumatizantes colisões.

Extraterrestres terráqueos com dificuldade de se encaixar.

Eu mesmo, me sinto de outro planeta: orbito de modo
[tão peculiar!

Cada ser é um universo em particular.

Constelações distantes – jamais se entrelaçarão.

Resta uma indagação:

alguma divindade disponível para nos unificar?

Em meio a tantos devaneios, da cama penso levantar.

Big Bang: o meu parto.

Do útero ao quarto; no escuro, reflexões.

Somos reflexos uns dos outros; mescla das espécies.

Somos sóis que podem esfriar.

Somos mudanças que podem nos contrariar.

Criaturas em expansão; cada queda, adaptação.

Cometas inesperados,

ficamos sobressaltados com uma inesperada invasão.

Coloco-me de pé, abro as janelas, respiro outra vez, repassando
[lembranças.
Conquistei uma companhia para sobreviver ao inferno da
[vida e chamei isso de amor. Sintoma grave de doença:
[amar por distração.

Sou mistura de costumes; hábitos de todos que já conheci.
De tudo, um pouco, absorvi.
Alguns me considerarão são; outros terão outra interpretação.

Talvez eu deva mesmo me preocupar menos com a atmosfera,
permitir certo perigo.
Tranco-me tanto em mim; certos dias parecem castigo.

Sei que sou todas as cores; mil e uma melodias;
embrião já bem crescido que às vezes precisa de outros
[nove meses.
Sou átomo, galáxia, repetição, transformação.

Refugio-me escrevendo para a nefasta dor passar;
sou um livro de gênero irracional.
Carrego de tudo nos ombros; metade primitivo, metade social.

Um tanto tarde, porém, haverá a matinal refeição.
O mesmo de ontem e de tantas outras vezes.
Preparo o prato com trêmulas mãos.

Reconhecer as falhas é algo que flagela;
dói ao inseguro perceber a própria imperfeição.
Amedronta-se o confiante ante a mesma situação.

Escrevo para fugir da realidade, vício ao qual um fim não
[consigo decretar.
Sei nem mais o que falo, sei nem o que de mim mesmo pensar.
Receio mudanças, priorizo meus textos – podê-los-ei, se
[necessário, apagar.

Sou astronauta à mercê do espaço e mais nada.
Metade diabo; metade anjo,
sou alguns tantos salmos; sou hinos profanos.

Supernova; fundamento; sou a glória e o lamento.
Sou o ceticismo científico e a religiosa ortodoxia.
Colonizaremos outros planetas – quão grande hamartia!

Sou sonhador na UTI.
Renego a morte; faço de mim rebeldia;
Persisto escrevendo outras tantas poesias.

A arte é o meio de estancar minha sangria.
Hemorragia; calma. Tinta; tinteiro.
Sou a guerra dentro de mim; sou astronauta patrulheiro.

Sou o universo inteiro, pura idiossincrasia, fruto advindo de
[improvável par de gametas.
Para sobreviver precisei de papel e caneta.
Crescer perdido no mundo me fez descobrir novos planetas.

Um misto de tudo

Somos um misto de tudo daqueles todos que já passaram
[por nós.

Do passante no metrô a anterior amante.

Do artista admirado àquele vizinho ao qual estamos
[familiarizados.

De nossos pais a nossos avós, dos velhinhos aos ancestrais.

Somos um terço de nós mesmos e duas parcelas dos demais.

Somos sóis, luas, Mercúrio e Vênus.

Imensidão peculiar, premissa de distúrbios diários e episódios
[serenos.

Estrelas cadentes, reluzentes. Multiplicação e extinção.

Somos o embrião do universo, somos a causa de tudo, somos
[um tanto de nada.

Somos o sangue derramado, a revolução sem causa, a reunião
[sem pauta.

Somos um improviso eterno, um filme sem *trailer*, um anúncio
[sem prévia.

Somos roteiros psicodélicos, painéis esdrúxulos, pintura
[barroca.

Esquizofrênicos racionais, somos um terço bipolares e duas
[parcelas muito mais.

Personas de tudo, ingerimos o mundo.

Exalamos o excesso do que transborda em nós, produzimos
[o nosso algoz.

Somos um quadro caótico beirando à perfeição.

Somos a falta de rima e o fim sem pontuação

Fragmentos de um homem

Sou fatia de um dia já longe,
resquício de sonhos e valsas.
O tempo cria um conflito infinito;
num instante sou gélido, no outro, brasa.

Os fragmentos de um homem são expostos em suas obras;
música, dança, bate-papo, qualquer prosa.
Não sou uma cor sólida,
sou mil cores em um só tinteiro

Pobrezinho de quem tenta rotular um ser humano;
muitos só se tornam santos classificando um outro de profano.
Sou fatia de um dia já longe;
sou o mesmo de outrora, despedaçado, menos pueril.

Sou vulcão frustrado que em si mesmo se engasgou.
Sou um verso sem sentido; um ritmo que se transformou.
Em toda lápide há um universo, uma poesia que acabou.
Todo poeta foge deste mundo, sofre apenas quem restou.

Sou fatia de um dia tão bom,
sou acúmulo de uma existência banal.
Meu texto é somente loucura resgatada de um lamaçal.
A existência é um circuito neuronal.

*O ser humano se cobra muito e sem saber por quê.
Conhecer a razão de ser o que te tornaste é o
primeiro passo para perceber quem és de verdade.*

SOBRE OS AUTORES

Jhessika Takassaki, nascida em Morretes – PR. Formada em Gestão Ambiental, é, também, uma entusiasta da fotografia e do audiovisual. Roteirista e diretora dos curtas *Eu Estou Aqui* e *Resiliência*, participou de diversos concursos de fotografia, chegando a ser convidada pelo *iStockphoto (Getty Images)* para ser uma colaboradora.

João Victor Martins Ruyz é formado em Psicologia. Nascido em Santo André – SP, é autor do romance *Fragmentos de um Homem* (lançado em 2017, pela editora Multifoco). Sob o pseudônimo de Ariel Yoshida (@ariel.yoshida) lançou obras em formato de *e-book*, como *Sociedade Apocalíptica* (contos e crônicas de humor ácido), *Circo Sombrio* (contos e crônicas de terror), entre outras – todas disponíveis na Amazon.com.br.

SINOPSE

Singelo Caos é o resultado de uma parceria com João Victor Martins Ruyz; a obra é um misto de sensações presentes no ser humano. O livro foi finalizado em 2020, um ano um tanto quanto caótico para todos nós. A obra trata a respeito de variáveis da existência, conflitos humanos e devaneios. Poesias introspectivas que retratam o ciclo de vida. Temas que abordam a pueril infância, desesperos do coração e o singelo ato de escrever.

OS AUTORES

Jhessika Takassaki, nascida em Morretes – PR. É formada em Gestão Ambiental, porém uma entusiasta da fotografia e do audiovisual. Roteirista e Diretora dos curtas *Eu Estou Aqui* e *Resiliência*. Também participou de diversos concursos de fotografia, chegando a ser convidada pelo iStockphoto (Getty Images) para ser uma colaboradora.

João Victor Martins Ruyz é formado em Psicologia. Nasceu em Santo André - SP. Autor do romance *Fragmentos de um Homem* (lançado em 2017 pela editora Multifoco). Sob o pseudônimo de Ariel Yoshida (@ariel.yoshida) lançou obras em formato de e-book, como *Sociedade Apocalíptica* (contos e crônicas de humor ácido), *Circo Sombrio* (contos e crônicas de terror), entre outras; todas disponíveis na Amazon.

[POESIA]

